

CARTA

DE UMA ORIENTADORA

o primeiro projeto de pesquisa

DEBORA DINIZ



LETRAS  LIVRES



Editoras Responsáveis

Debora Diniz
Malu Fontes

Conselho Editorial

Cristiano Guedes
Florencia Luna
Maria Casado
Marcelo Medeiros
Marilena Corrêa
Paulo Leivas
Roger Raupp Rios
Sérgio Rego

Carta de uma orientadora o primeiro projeto de pesquisa

Debora Diniz

Brasília
2012



© 2012 LetrasLivres.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Tiragem: 1ª edição – 2012 – 500 exemplares.

1ª reimpressão – 2012 – 1000 exemplares.

Esta publicação possui versão digital (ISBN: 978-85-98070-30-8).

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa promulgado pelo Decreto n. 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Coordenação Editorial

Fabiana Paranhos

Coordenação de Tecnologia

João Neves

Revisão de Língua Portuguesa

Ana Terra Mejia Munhoz

Arte da Capa

Ramon Navarro

Editoração Eletrônica e Layout

João Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Responsável: Seânio Sales Avelino (CRB/DF 2394)

Diniz, Debora.

Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa / Debora Diniz. – Brasília: Letras Livres, 2012.
108p.

ISBN 978-85-98070-31-5

1. Metodologia de pesquisa. 2. Trabalho acadêmico. 3. Ciência - metodologia. I. Diniz, Debora.
II. Título: o primeiro projeto de pesquisa

CDD 001.4

CDU 001.8

Todos os direitos reservados à Editora LetrasLivres, um projeto cultural da
Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero
Caixa Postal 8011 – CEP 70.673-970 Brasília-DF
Tel/Fax: 55 (61) 3343.1731
letraslivres@anis.org.br | www.anis.org.br

A LetrasLivres é filiada à Câmara Brasileira do Livro.

Foi feito depósito legal.

Impresso no Brasil.

Às primeiras leitoras desta carta, ainda como
aprendizes de autoras e jovens pesquisadoras.

À matilha.

SUMÁRIO

UMA CARTA	11
ANTES DO PRIMEIRO ENCONTRO	19
O PRIMEIRO ENCONTRO	25
O ENCONTRO COM A PESQUISA.....	31
O ENCONTRO COM O TEMPO	41
O ENCONTRO COM O TEXTO	51
O ENCONTRO COM A ESCRITA.....	63
APÓS A LEITURA	81
E O FUTURO?	85
MAPA DE LITERATURA	89
CRONOGRAMA	93
SOBRE A AUTORA	107

Por uma coerência textual à minha existência, escrevo no feminino. A referência a “orientandas”, “orientadoras”, “professoras” e “autoras” não significa que esta carta não tenha destinatários homens ou que os autores não sejam referências confiáveis à pesquisa. Ao contrário, exatamente porque o lugar dos homens está tão bem assegurado na pesquisa acadêmica é que arrisquei a transgressão de escrever esta carta no feminino universal. Não se sinta obrigada a seguir essa regra. Acolherei as escolhas de gênero que fizer no seu texto. Só tenho um pedido: não use sinais gráficos inexistentes no idioma, tais como “x” ou “@”, para representar os limites de gênero. Se o masculino universal e neutro também a incomoda, escolha uma subversão dentro da norma.



MA CARTA

Minha iniciação ao curioso posto de “orientadora de ideias” se deu após uma longa experiência como estudante. Um dia, me descobri orientanda e, logo em seguida, autora de uma monografia de graduação. Imagino que a leitora desta carta seja uma estudante de graduação que se prepara para escrever sua monografia de final de curso.¹ É uma experiência singular e inquietante – a estudante se descobrirá autora de um texto acadêmico. Ao me converter em orientadora, passei a ouvir as inquietações de minhas estudantes sobre essa experiência, e elas eram muito parecidas com minha própria história. Passei a registrar os questionamentos de cada uma delas e, devagar, respondia a eles por escrito em formato de mensagens. Muito lentamente, a carta foi se desenhando sob a forma de repetidas respostas às dúvidas. As mensagens passaram

¹ É possível que pesquisadoras em outros estágios da carreira acadêmica (especialização, mestrado ou doutorado) se identifiquem com esta carta, mas escrevo para uma estudante de graduação. Considero que a singularidade da primeira experiência me autoriza a escrever obviedades sobre o encontro de orientação, o que seria um risco caso me dirigisse às pesquisadoras mais experientes.

a ser lidas por minhas orientandas e pelas orientandas de minhas colegas, também orientadoras. Foi aí que tive a certeza de que o sentimento de angústia era compartilhado por todas aquelas que se descobriam repentinamente autoras de um texto acadêmico. E, curiosamente, a carta acalmava os espíritos inquietos mais do que minha voz ao pé do ouvido.

Esta carta é resultado de uma troca de ideias, dos comentários aos questionamentos que ouvi das jovens pesquisadoras com quem tive o prazer de trabalhar durante muitos anos. Ela antecipa as principais perguntas que muitas orientadoras já responderam às suas orientandas nessa etapa da carreira acadêmica. Às orientandas devo a reescrita permanente. Foram elas que me mostraram o que precisaria ser contado para que alguém se descobrisse como autora de uma monografia de graduação. Por isso, este é um texto concreto que busca guiar o encontro intelectual entre duas pessoas – a orientadora e a orientanda, ou, como prefiro nos descrever, a *leitora-ouvidora* e a aprendiz de escritora. Há muitos e bons livros de metodologia disponíveis, mas esta carta não concorre com eles. Não escreverei sobre como fazer uma pesquisa, mas sobre como se preparar para a fascinante experiência da criação e da autoria acadêmicas.

Por que uma carta? Porque orientar é comunicar-se por histórias, saberes e experiências. Orientar é ler atentamente e ouvir delicadamente. Entre a atenção e a delicadeza, descobri que a carta me permitiria dar as boas-vindas às jovens pesquisadoras sem pressioná-las mais do que o jogo das regras e dos prazos já exigiria. Sim, haverá um jogo em curso quando esta carta for lida pela primeira vez – em dois semestres, a estudante se descobrirá autora. Em dois semestres revigorará sua formação

acadêmica, explorará suas inquietações, acenderá suas preferências textuais, e rapidamente desenvolverá uma voz de autora. Não importa que venha a ser uma voz tímida. Eu, particularmente, gosto de autoras tímidas. Elas são cautelosas e guardam a pulsão subversiva para um futuro em que não mais precisarão de uma orientadora. Talvez a experiência autoral não se estenda no tempo, o que não é nenhum demérito. Esta carta é para quem deseja escrever o único texto da vida, a monografia de graduação, ou para quem busca o ofício de escritora acadêmica e terá na monografia sua primeira experiência. Por isso, já me permito esquecer a impessoalidade do discurso e passo a escrever diretamente para aquela a quem a carta se endereça – a você, *jovem pesquisadora e aprendiz de escritora*.

Texto público

Você será autora de uma monografia de graduação. Ela será eterna, não se esqueça dessa sentença. Se já escreve poemas, cartas ou mensagens de amor, blogs ou panfletos políticos, esse é um bom começo para desinibir as mãos e chacoalhar seu filtro afetivo que só reconhece Clarice Lispector ou Virginia Woolf como autoras. Pratique a escrita como quem exercita o corpo. As ideias precisam de músculos soltos para fluírem como nossas. Acredite que esse é um jogo que a transformará, e você aprenderá consigo mesma. Eu serei sua parceira, por isso permita-me apresentar a você por meio desta carta, um gênero narrativo que combina fatos, emoções e segredos. A carta é uma narrativa íntima, mas neste caso também impessoal. Pode parecer paradoxal escrever uma carta para uma destinatária que ainda não se imagina quem seja. E mais estranho ainda: ela será usada por outras orientadoras que

sequer a escreveram, mas que tomarão para si o conteúdo desta carta. Sim, esta carta é uma metamorfose – eu e todas as orientadoras que conheço, as minhas e todas as orientandas possíveis terão suas vozes, alegrias e angústias aqui representadas. Por isso ela é ousada e tão íntima ao mesmo tempo.

Minhas primeiras leitoras sentiram tensões, alegrias e angústias ao lerem esta longa carta. Algumas me ameaçaram de abandono, outras se sentiram mais confiantes com minha honestidade. Muitas riram sozinhas e depois zombamos juntas de minha falsa crueldade sobre as regras do jogo acadêmico. Ao menos no texto, represento o papel mais difundido das orientadoras – alguém que não entende atrasos, não gosta de preguiça e rompe relações se a orientanda se mostra uma miserável copista das ideias de outras autoras. Um segredo: não fuja, nem me leve tão a sério na carta. Eu e sua orientadora de carne e osso merecemos a chance de lhe apresentar as regras como se nós não fôssemos as vigias de seu funcionamento. Peço-lhe uma cautelosa proximidade com esta carta – eu escrevo para você, mas sua orientadora de verdade será alguém ainda mais competente do que eu, porque foi ela quem você verdadeiramente escolheu para o posto de “orientadora de ideias”. Isso facilitará o estranhamento de algumas passagens do texto. Sua orientadora poderá dar cores e sabores diferentes a alguns de meus conselhos ou sentenças. Mas a carta também falará de mim. Cabe a você descobrir alguns eventos semelhantes da trajetória de sua orientadora, caso ela deseje contá-los.

Esta é uma carta com lacunas que você está prestes a biografar durante seus dois semestres reservados à

monografia de graduação.² O tempo para preencher as lacunas é suficiente. Aquelas com ritmos teimosos que preferem o vaguear à labuta acadêmica nos finais de semana talvez o considerem curto; já outras o sentirão em excesso, pois não suportam o presente sem controlar o futuro. A ansiedade pode ser intensa e a vontade de descobrir a confundirá diante de tantas possibilidades de pesquisa e de leituras. E eu, entre leitora e ouvidora, aperfeiçoarei minhas habilidades manuais de costureira – cada retalho de ideia, cada requinte de luxo precisa ganhar sentido no tecido que a desenhista esboça diante de mim. São tantas regras sobre como cortar o tecido, como escolher cores, tendências, modelos e movimentos, que já houve momentos em que me senti distante da leitora-ouvidora e mais próxima das irmãs escutadeiras. As irmãs escutadeiras eram comuns nos monastérios católicos do passado, e seu trabalho consistia em ouvir os segredos do parlatório para delatar as jovens freiras à madre superiora pelos equívocos da palavra. Elas ouviam sem serem vistas. Uma cortina as escondia das visitas que conversavam livremente com as noviças como se não houvesse censura na palavra.

A carta me permite abandonar as pretensões das irmãs escutadeiras sentadas em um parlatório e escondidas pela cortina. Por isso, adoto a alegoria da costureira, que lê, ouve e sente cores e texturas. Ao final, serei uma costureira que experimenta sabores e admira bordados. Começo por um desnudamento do lugar da orientadora e

² Eu imagino que o seu trabalho de conclusão de curso se desenvolverá em dois semestres: o primeiro para a elaboração do projeto de pesquisa, o segundo para a realização da pesquisa e a escrita do texto. Com algumas variações, esse é o cronograma regular de grande parte dos cursos de graduação em humanidades no país. Cada semestre possui quatro meses. Ao final desta carta, você encontrará uma proposta de organização desses meses por semanas. É uma sugestão que você deve adaptar ao seu ritmo de estudo e às particularidades do curso e da pesquisa. Há cursos que alongam esse período para três semestres, permitindo um tempo maior para o trabalho de campo ou a coleta de dados.

das regras do jogo acadêmico. Não pode haver cortina em nossa troca de palavras. Nossa mediação será o seu texto e nossas motivações, os mais nobres valores que estimulam a vida acadêmica: o respeito, a admiração e a paciência. Como uma costureira, nosso trabalho será artesanal, uma combinação que repete um ofício aprendido e se atualiza na estética individual da criação. Seremos boas parceiras na composição de uma peça textual. Nosso encontro é intelectual e profissional. Seremos duas mulheres em busca de um texto que você se orgulhará de ser a sua primeira criação. Esse texto precisa ser belo, forte e original, como se espera da criação acadêmica e de seu poder de transformação social e político.

Remetente

Serei sua orientadora. Esta carta é uma combinação de experiência pessoal com observação etnográfica sobre esse encontro – foram as estudantes que me ensinaram o que precisaria ser dito nesse momento, mas percebi que havia uma permanência ritualística no encontro.³ Como antropóloga, adoro descrever rituais e esta carta é recordatória do ritual chamado “orientação”, que combina repetição e recriação a cada *performance*. Falarei, portanto, das permanências do ofício de orientação, mas muitas criações são resultado de minha experiência na execução do ritual. Espero que essas criações não sejam entendidas como regras absolutas sobre etapas rituais,

³ A etnografia é um método de pesquisa fascinante e bastante familiar às antropólogas. Consiste em realizar um trabalho de campo com grupos ou comunidades entre as quais se deseja uma aproximação para melhor compreender traços culturais ou práticas sociais. A etnografia exige um trabalho de campo denso, em que diferentes técnicas de pesquisa são utilizadas, sendo as mais comuns a observação, a entrevista e o uso do diário de campo. A etnografia é o método que orienta os filmes que já dirigi.

mas como espaços livres para a elaboração individual de quem ler esta carta. A verdade é que o ritual da orientação foi continuamente provocado pela minha experiência como professora de metodologia. Desde que me descobri como professora, ensino métodos e técnicas de pesquisa, um conjunto de falsos segredos sobre a arte da pesquisa que, quando descobertos, mostram que nossas autoras não são tão geniais assim, mas apenas boas cozinheiras que inventam novos sabores quando reproduzem as receitas de sucesso da pesquisa acadêmica.

Se ensinar metodologia é trabalhar na cozinha da vida acadêmica, orientar é descobrir-se costureira. Peço perdão pelas alegorias tão antiquadas sobre ofícios femininos para descrever a elegância da criação acadêmica. Uma boa pesquisadora e orientadora inspira-se em boas costureiras e cozinheiras. Saber e sabor se misturam não só na etimologia, mas no manejo do tecido. Esta carta é resultado dessa dupla inspiração. Mas, por favor, não espere um manual de métodos ou técnicas de pesquisa, pois eu não falarei de hipóteses, entrevistas, levantamentos ou análises de dados. Sobre técnicas e métodos de pesquisa, há dezenas de bons manuais disponíveis. Você verá que faço referência aos que mais me inspiram nas notas de rodapé. O único escorregão no campo dos metodólogos será a inquietação provocada pelo “problema de pesquisa”.⁴ Esta carta não é sobre como fazer uma pesquisa, mas sobre o encontro de duas artes manuais – a cozinha e a costura.

⁴ O uso do masculino aqui é intencional. O tema da metodologia de pesquisa é ainda distante das mulheres como autoras. Uma obra de referência em língua inglesa para metodologia feminista é Shulamit, Reinhartz; Davidman, Lynn. *Feminist methods in social research*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

Destinatária

Você será minha orientanda. Escrevi esta carta sem conhecê-la. Você me procurou para sermos orientadora e orientanda, um vínculo que fará parte de nossas histórias, mesmo depois de encerrado. Até entrar na universidade, esse posto de “orientadora das ideias” me era desconhecido. Durante um tempo, estranhei que alguém pudesse ocupar lugar tão ousado na vida de outra alguém. Por ser um posto ousado, entenda-o como transitório, apesar de eterno se finalizado com sua monografia de graduação. Sim, é um paradoxo. Talvez eu venha a ser a única orientadora de sua trajetória acadêmica. Se não a única, provavelmente a primeira. É em respeito a esse momento tão especial em sua vida que escrevi esta carta para dar-lhe boas-vindas.

Orientar alunas é parte de meu ofício como professora. Eu poderia resumir meu papel de orientadora como um dever. Mas prefiro descrevê-lo como uma descoberta fascinante. A abstração desta carta somente fará sentido ao conhecer você, ao ouvir suas ideias e ler seus textos. Sempre que tiver dúvidas sobre o nosso encontro, volte a esta carta, me conte sobre partes que ainda não fui capaz de imaginar que precisariam ser ditas. Quero ouvi-la e aprender com você. Esta é uma carta abstrata, mas nosso encontro se realiza na concretude de nossas singularidades. Seremos a partir de agora um par, eu e você, nós e suas ideias. Como uma novela em cadeia, esta carta terá outras vozes e histórias. E não só a sua ou a minha, mas as de outras orientadoras e orientandas que a usarão como suas próprias vozes para descrever esse encontro.



ANTES DO PRIMEIRO ENCONTRO

Ainda sem nos conhecer, faremos um acordo. Nosso primeiro encontro será tímido. Se possível, rápido, apenas para que eu lhe dê boas-vindas e recomende a leitura desta carta. Ela foi escrita para acolhê-la nessa experiência intelectual. Acredite que, mesmo sem conhecê-la, esta carta foi escrita para você e para esse momento de sua vida acadêmica. Leia-a do início ao fim, deitada na rede com a brisa do mar, se puder estudar à beira da praia. Se vive no centro do país, como eu, a leitura ao cair da tarde é uma sugestão. Mas a geografia para a leitura é só a moldura do quadro, pois espero que ajude a afugentar as suas angústias. Você terá oportunidade de voltar aos trechos que suspirou por humor, ansiedade ou surpresa. Mas tente percorrer a carta de uma única vez. Somente depois da leitura, teremos nosso primeiro encontro de orientação. Você estará bem mais segura e preparada para essa primeira conversa. E eu, ansiosa por escutá-la.

Esse é o momento mais precioso de sua formação acadêmica. Você passou vários semestres na universidade para poder escolher livremente como pensar e sobre o que escrever. Eu imagino que você esteja em um curso de graduação que autorize escolher a leitora-ouvidora de sua preferência. Defendo que você deva ser livre para fazer essa escolha, e esta carta foi escrita imaginando esse primeiro ato de arbítrio individual de sua trajetória acadêmica como aprendiz de escritora e pesquisadora. O meu papel será auxiliá-la neste momento de descoberta e criação. O caminho, no entanto, é seu. Inteiramente seu. Meu lugar é secundário nessa trajetória, e não se assuste com esse jeito que passo a escrever. Como já me descrevi, sou uma leitora-ouvidora interessada em suas ideias, uma companheira de reflexão. Mas a criação será sua. Talvez você ainda não saiba exatamente o que deseja fazer. Não se apresse para agora, o *logo* é suficiente. Eu poderei ajudá-la a encontrar o rumo, mas para isso preciso que responda a duas perguntas: que tema deseja estudar? E, sobre esse tema, por onde *não* deseja seguir?

Nosso leque de interesses e desejos de pesquisa é sempre maior do que nossas condições efetivas de explorá-lo. Isso acontecerá com você, mas também atormenta as pesquisadoras experientes. Há um conselho que ouvirá de mim e de quem mais conversar sobre seu tema de pesquisa: “Reduza seu tema de pesquisa, deixe-o mais específico”. O curioso é o quanto o tema já parecerá claro e bem resolvido para você, mesmo neste momento tão inicial da pesquisa. Não acredite nesse seu ímpeto inicial de clarividência – do tema ao objetivo geral da pesquisa, um bom tempo de conversas e leituras será consumido. Com algumas variações de estilo, chamo esse de *o conselho da suspeita*, uma regra inicial para qualquer aprendiz de pesquisa: duvide de você mesma. Iniciamos com um tema

para, depois de algum tempo, alcançarmos nosso problema de pesquisa. O desafio é sair do tema, chegar a um problema razoável, realizar a pesquisa e escrever a monografia em dois semestres. Acho que esse foi seu primeiro suspiro ao ler esta carta, estou certa?

Não pense ainda na monografia. O problema de pesquisa, aquelas duas linhas em que anunciará o que deseja pesquisar, é sua meta de labuta intelectual. Enquanto me lê, escreva as melhores ideias. Você não irá me apresentar todas, apenas as três que considerar mais viáveis e interessantes. Se possível, tenha o máximo de segurança quanto às cores e detalhes que não deseja explorar sobre o seu tema. A peça que irá costurar será sua, e você deve decidir o estilo da composição.

Talvez um exemplo a ajude a entender a importância de um problema claro e preciso. Um de meus temas de pesquisa é a homofobia na educação. Já fiz estudos quantitativos e qualitativos, escrevi artigos de jornais, dei palestras e participei de audiências públicas. Mas nunca me interessei em conhecer as motivações e desrazões de um indivíduo homofóbico. Meu interesse é pensar como a homofobia restringe direitos e liberdades e provoca sofrimento. As primeiras histórias que ouvi de pessoas que sofreram violência homofóbica foram inesquecíveis – eu não conseguia conviver com a ideia de que alguém poderia temer sair à rua sob a ameaça de violência. Às histórias, somei minha atuação em movimentos sociais e, assim, pesquisa e intervenção política passaram a se misturar. Você não precisa listar o que não deseja pesquisar, mas deve descobrir essas fronteiras para não se confundir em nossa primeira conversa. Isso a deixará mais segura para a explosão de ideias e entusiasmos que nos acompanharão no primeiro encontro.

O interlúdio do encontro

Fico feliz que tenha me procurado para orientá-la. Acredite: será uma troca de saberes, experiências e expectativas sobre o futuro. Imagino duas razões que a motivaram a me procurar. A primeira é porque devo trabalhar com temas de seu interesse. A segunda é porque procura uma boa leitora, mesmo que não especialista em seu tema de pesquisa. Se você já é pesquisadora de meu grupo de pesquisa, pode pular este parágrafo. Se não é o seu caso, acesse o meu currículo Lattes e veja sobre o que já escrevi, que projetos já desenvolvi, de que orientações já participei.⁵ Se você for trabalhar em temas diretamente vinculados à minha produção teórica, meu primeiro conselho: leia o que já escrevi. Saiba o que penso sobre as questões que iremos trabalhar. Isso facilitará nosso encontro intelectual. Há muita coisa disponível nas bases e bibliotecas virtuais com acesso aberto. Comece por elas. O passo seguinte é percorrer as autoras que eu admiro e também se aproximar delas. Elas estarão listadas na seção de referências bibliográficas de meus textos. É fácil descobri-las.

Se não sou uma especialista em seu tema de pesquisa, meu conselho: pense se sou a melhor pessoa para ajudá-la. Eu terei prazer em aprender e descobrir novas questões com você, mas uma orientadora especializada trará vantagens para o seu crescimento intelectual. Considere, por isso, mudar a orientação. Não tenha medo dessa decisão, nem suspire por minha franqueza. Assim como pediu à coordenadora do curso que fosse orientada por

⁵ A plataforma Lattes é pública e, em 2012, congregava um milhão e oitocentos mil currículos de professoras, pesquisadoras e estudantes do Brasil. A plataforma Lattes permitirá que você encontre o meu currículo e o de todas as outras professoras de seu curso ou da área que lhe interessa. Isso a ajudará a conhecer as pesquisas, orientações e publicações das pesquisadoras (www.lattes.cnpq.br). Você pode fazer buscas por autoras, temas ou palavras-chave.

mim, poderemos ir juntas comunicá-la sobre sua vontade de mudança. Uma orientadora especializada em seu tema acelerará sua pesquisa bibliográfica, conhecerá as autoras-chave do campo e terá produção na área que permitirá o diálogo inicial entre vocês. Não acredite em quem diz nos corredores das universidades que a mudança de orientação é sempre traumática – essa é uma história com muitos enredos. Nós podemos tomar essa decisão se ela for a melhor para o seu crescimento intelectual. Juntas, iremos à coordenação do curso e informaremos sobre nossa decisão.

Mas se estiver segura de que é comigo que deseja trabalhar, saiba que seu esforço intelectual será ainda maior e mais solitário. Isso não é uma ameaça de abandono antecipada, por isso rejeito seu suspiro. É a verdade sem rodeios sobre os desafios intelectuais de uma orientadora iniciante em um tema de pesquisa. Eu não terei como socorrê-la no ponto de partida, assim como uma especialista faria com facilidade. Seremos aprendizes juntas; eu serei sua boa e paciente leitora. Mas, para tranquilizá-la, saiba que já vivi essa experiência antes. Orientei a tese de uma arquiteta, cujo tema era mobilidade, transporte e urbanização. Foi um belo encontro intelectual, que exigiu muito de nós duas. Quando a provoquei se não seria melhor a mudança de orientação, ouvi um convicto “não”, que me deixou ainda mais contente ao conhecer as razões da decisão: ela queria uma boa leitora. Eu sempre cumprirei com prazer o posto de leitora, mas saiba que essa é uma escolha que exigirá uma maturidade intelectual e uma segurança afetiva ainda maior de você. E há uma diferença entre você e a arquiteta: ela estava no doutorado e você inicia sua vida acadêmica. Ela já havia passado por essa primeira experiência que você agora vive, o que a deixava mais segura em nosso encontro.

Por fim, uma dica que acalma os espíritos mais inquietos que anseiam pela monografia já nesta fase de definição inicial de temas e perguntas: procure conhecer o que suas colegas de curso já escreveram como monografia de graduação sobre o seu tema. Em geral, as monografias de graduação estão disponíveis na secretaria de seu curso ou em uma biblioteca da universidade. Muitas delas estão inclusive disponíveis em formato eletrônico, o que facilitará sua busca. Essa será uma pesquisa com poderes terapêuticos: acalmará sua ansiedade por conhecer o que a espera ao final dos dois semestres.



PRIMEIRO ENCONTRO

Eu preciso que em nosso primeiro encontro você tenha temas de interesse ou de desejo listados em um papel ou registrados na memória. Usarei interesse (que pode ser pessoal ou político) e desejo (de ordem privada) como sinônimos para suas motivações acadêmicas. Interesses e desejos são duas forças que nos movem intensamente na vida acadêmica. Eu, particularmente, acredito muito nas motivações políticas – elas dão sentido para além de nós mesmas, além de permitir que nos conectemos a outras pessoas e ideias. Suas motivações serão resumidas em nosso primeiro encontro por seus títulos funcionais e problemas de pesquisa.⁶ Tente ser o mais específica possível, o que exigirá de você uma concentração inicial bastante solitária. Tome notas sobre seus temas de interesse – eles podem ser curtos como palavras-chave (discriminação, cor, educação), mas o ideal é que já estejam se conectando para formar os títulos funcionais (discriminação racial e educação).

⁶ John Creswell é um claro defensor do título funcional (Creswell, John. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. Porto Alegre: Artmed, 2011).

Os títulos funcionais devem dialogar com os enunciados provisórios, que neste momento chamaremos de problemas de pesquisa (“eu quero analisar a discriminação contra estudantes negros”). Ao escrever seus títulos e problemas, você terá de eliminar os menos prováveis de motivá-la, o que a forçará a fazer as primeiras escolhas.

Alguns manuais de metodologia de pesquisa propõem exercícios para essa primeira busca de ideias e declaração de interesses. Um deles chama-se *A arte da pesquisa* e tem boas dicas.⁷ Se você fez algum curso de pesquisa ou de metodologia durante a graduação, volte aos seus textos. Eles ganharão um sentido diferente agora. Dê uma volta nos currículos de suas ex-professoras ou de autoras que admira. Anote os temas de pesquisa, os títulos dos projetos e as publicações mais recentes que chamarem sua atenção. Faça uma pequena grade de temas e iniciativas que sua comunidade de autoras trabalha – isso poderá ajudá-la a afinar seus interesses com a ponta do debate nacional e internacional sobre os temas que deseja pesquisar. Não confie apenas em sua intuição ou nas leituras acumuladas durante sua graduação. Faça uma pequena revisão bibliográfica sobre as publicações dessas autoras antes de nossa primeira conversa. Não precisa ainda estudar os textos, seja uma turista textual. Uma visita panorâmica aos textos será muito útil. Seu produto deve ser uma grade em duas colunas: a coluna da esquerda deve ter os títulos funcionais; a coluna da direita, os problemas de pesquisa.

Mas o que é um problema de pesquisa? Um problema de pesquisa não é um incômodo, no sentido em que usamos a palavra “problema” rotineiramente: “Estou com um problema: dor de cabeça”. Em pesquisa, problema é

⁷ Wayne, Booth; Colomb, Gregory; William, Joseph. *A arte da pesquisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

aquilo que nos inquieta, que provoca nossa curiosidade acadêmica, mas que tem a possibilidade de ser explorado e, para as mais ousadas, até mesmo de ser solucionado. Há problemas de pesquisa que podem ser muito interessantes, mas não dispomos de meios para investigá-los. Durante muito tempo eu quis realizar pesquisas com mulheres que tinham provocado o aborto em si mesmas. Porém, como você sabe, o aborto é um crime no Brasil e as mulheres têm, compreensivelmente, medo de falar com pesquisadoras desconhecidas sobre um tema que pode ter consequências penais para elas.

Há mais de 15 anos eu estudo esse tema: pesquisei como a mídia impressa enquadrava o aborto; estudei como os filmes contavam histórias de mulheres que haviam abortado; analisei processos judiciais que autorizaram mulheres a interromper gestações inviáveis, etc. Depois de ter acumulado uma boa experiência, em parceria com um coautor, Marcelo Medeiros, e uma dedicada equipe de pesquisadoras, realizamos um estudo ousado – a Pesquisa Nacional do Aborto (PNA). Com esse estudo, nós conseguimos apresentar dados e perfis nacionais nunca antes conhecidos sobre as mulheres que já abortaram. Lideramos uma equipe de dezenas de pesquisadoras de campo, o que exigiu uma habilidade diferente da pesquisa solitária – a capacidade de gerenciar uma equipe diversa e numerosa.

O nosso problema de pesquisa era conhecer a magnitude do aborto ilegal e inseguro no Brasil, além de identificar métodos, percursos e redes de cuidado utilizados pelas mulheres para abortar. Para levantar essas informações, seria preciso falar diretamente com as mulheres, mas como localizá-las, sem fragilizá-las? Depois de muito revisar a literatura nacional e internacional, e tendo acumulado

uma boa experiência com outras pesquisas sobre o tema, resolvemos utilizar uma técnica de levantamento de dados conhecida como “técnica de urna” em um desenho qualitativo de pesquisa.⁸ Percorremos as capitais do país, entrevistamos 2.002 mulheres com a urna e 122 mulheres com entrevistas gravadas. Nenhuma mulher se recusou a participar de nosso estudo e conseguimos mostrar uma realidade escondida sobre o aborto. Desde que comecei a pesquisar e a publicar sobre o tema do aborto, eu tinha essa inquietação sobre a magnitude e as histórias das mulheres, mas tive que esperar quase 15 anos para solucioná-la.

Esse exemplo não é para assustá-la ou fazê-la imaginar que precisará necessariamente esperar uma década para conduzir uma pesquisa. Durante esses 15 anos, fiz estudos que considero muito importantes para o debate político e acadêmico sobre o tema. E todos eles me satisfizeram intelectualmente. Alguns deles foram locais, pontuais ou mesmo tímidos quanto ao uso da evidência empírica. O primeiro texto que escrevi sobre o tema analisava um único processo judicial. O que eu queria compartilhar com você é que não basta um bom tema ou uma boa ideia, é preciso seriamente pensar em como explorá-la para ter uma pesquisa acadêmica que se realize no intervalo disponível para uma monografia de graduação. Além disso, não se espera de você um estudo nacional com milhares de participantes ou sobre temas tão sensíveis quanto o aborto ou o tráfico de drogas. Há questões que rondam seu cotidiano e que não exigirão tantos recursos para sua investigação. Por isso, pense nos seus interesses e desejos para a pesquisa, mas também avalie de que matéria-prima dispõe para costurar sua produção textual.

⁸ A técnica de urna consistia na apresentação de uma urna secreta onde a mulher depositava uma cédula com respostas a cinco perguntas. Na cédula que utilizamos estava a pergunta se ela já havia realizado um aborto. A cédula era anônima, o que permitia a proteção da identidade da mulher.

Nem todos os manuais de metodologia trabalham com esse conceito de problema de pesquisa. Seu principal substituto no linguajar de métodos de pesquisa é o de objetivo geral ou pergunta.⁹ Entenda-os como sinônimos. Eu gosto de trabalhar com a ideia de objetivo geral, pois facilita a definição de objetivos específicos, que são os nossos guias para a metodologia e as técnicas de levantamento de dados. Só nesta fase inicial de sua imersão no universo da pesquisa é que mantereí a menção a “problema de pesquisa”, pois acredito que seja um chamamento mais intuitivo à reflexão. Assim, para nosso primeiro encontro depois desta carta, já chegue com respostas à pergunta: qual o seu problema de pesquisa? O turismo textual nos currículos e publicações, inspirado por algumas horas de reflexão solitária, resultará em uma bela tabela em duas colunas. Seu primeiro exercício de contrição será me apresentar apenas três possibilidades de título funcional, com seus respectivos problemas. Como já deduziu, o título funcional é uma frase curta que representará seu tema de pesquisa. Para cada título funcional, um único problema. Nem mais nem menos do que isso por enquanto.

⁹ Os manuais de metodologia dos saberes biomédicos utilizam preferencialmente “objetivo geral”.



ENCONTRO COM A PESQUISA

Eu tinha dito que esta carta não era um tratado de metodologia. Acredite que não mudei de ideia nem me perdi nas palavras. Só não consigo escrever sobre nosso encontro de orientação sem enfrentar três unidades básicas de um projeto que os manuais de metodologia consideram indispensáveis para pensar a pesquisa: título funcional, problema de pesquisa e palavras-chave. Talvez seja um vício de professora de metodologia, por isso peço desculpas às orientadoras sem esse duplo percurso. Há muito mais nos manuais de metodologia – a depender da ousadia dos autores, é possível encontrar desde filosofia da ciência até questões de formatação do texto ou revisão ética dos dados. Esta carta não é um minitratado de metodologia resumido em metáforas de cozinha ou costura. Os bons manuais de metodologia serão algumas de suas próximas leituras. Alguns deles estarão referenciados nas notas de rodapé, mas, como todas as sugestões de leitura, essas são preferências minhas, que você certamente descobrirá se

também serão boas escolhas para você. Você também fará suas escolhas, terá suas preferências.

Por isso, ouse resumir o tema da carta, imaginando que eu seja capaz de conter a sua interpretação do que leu até agora. Esta é uma carta sobre o encontro intelectual que se chama *orientação*. O sentido da orientação será exatamente seus interesses e desejos de investigação, aqui resumidos pelo problema de pesquisa. O título funcional é a primeira coisa que escreverá para nossa conversa e descobrirá que será o derradeiro arremate da costura de seu texto daqui a um ano, ao terminar a monografia. Que tal interromper a leitura desta carta e já pensar qual título funcional é o melhor dos três desenhados na tabela que sugeri? Não se acanhe. Talvez eu não leia o que você escreve neste momento, portanto, não deixe que seu filtro afetivo a impeça de criar livremente.

Se não sabe o que um título deve conter, faça o exercício de turismo textual que sugeri há pouco nos currículos, artigos e livros de autoras que admira. Anote alguns dos títulos das obras, avalie quais deles comunicam melhor os conteúdos e pense nas razões. Esse passeio poderá inspirá-la para as primeiras tentativas de dizer em 15 palavras o que certamente precisará de muitas páginas em breve.¹⁰ A verdade é que você iniciará seu texto pelo título funcional e, ao final de um ano, será em torno dele que fará seu arremate final. Durante muitos meses, o título funcional será como um termômetro que vigia a temperatura do forno para o cozimento do bolo. Mas ele será permanentemente modificado, revisado, melhorado.

¹⁰ Alguns manuais sugerem 12 palavras (John Creswell defende essa proposta para a língua inglesa). Minha experiência é que três palavras adicionais são terapêuticas para as escritoras mais prolixas. Várias revistas acadêmicas já determinam o limite máximo de palavras para o título e instituíram a categoria título corrido, ou seja, uma versão minissaia do título para a publicação.

O meu papel nesta fase é antecipar que ingredientes não combinam em uma mesma receita. O sabor só será degustado ao final.

Tente não ser metafórica, alegórica ou irônica com o título funcional. Seja generosa com ele. Até mesmo porque a metáfora exige precisão para que o referente seja eficaz na comunicação. Nesse momento de sua pesquisa, precisão é algo ainda distante a ser alcançado. A cena que gosto de imaginar é que o título funcional precisa descrever e antecipar sua pesquisa para uma interlocutora de elevador, aquelas cenas rápidas da vida cotidiana em que as pessoas irão lhe perguntar “o que você está estudando?”. Consiga responder com clareza e objetividade “eu estou estudando...”. E, tão importante quanto essas duas propriedades, clareza e objetividade, é preciso também brevidade, por isso no máximo 15 palavras. Não sofra com a atual pobreza estética de seu título funcional, pois ele não fará parte de sua memória acadêmica. Ele é funcional, e sua utilidade está em resumir, antecipar e controlar seus ímpetos criativos, que serão vários nesta fase inicial de definição da pesquisa.

Talvez você esteja se perguntando de onde sairão as 15 palavras do título funcional. Uma saída é o senso comum acadêmico, aquele conjunto de informações que você acumulou durante a graduação. Outra saída é escolher as 15 palavras a partir de fontes seguras. Uma estratégia consiste em buscar algum tesouro disponível sobre o tema de seu interesse. Tesouro é um dicionário de termos reconhecido pelos campos que apresenta um bom apanhado das palavras-chave utilizadas pelas autoras. Em geral, quem elabora os tesouros são autoras de referência em um campo em parceria com cientistas da informação. Para quem estuda educação, por exemplo, o Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) possui um tesouro on-line.¹¹ O tesouro irá ajudá-la, pois resume o que outras pesquisadoras já consideraram como boas palavras-chave para descrever seus estudos. Campos de pesquisa consolidados possuem seus próprios tesouros. Eu já trabalhei com um tesouro para estudos de gênero, outro para estudos legislativos e políticos, outro para estudos em direito penal e outro para bioética, só para citar alguns.¹² Sugiro que faça uma cuidadosa busca eletrônica por tesouros, e não se limite à língua portuguesa. Essa será uma boa surpresa que ajudará seu primeiro exercício de criação textual.¹³

Outra inquietação comum é a pergunta de por que reduzir sua imaginação a 15 palavras, se Denis Diderot adotou como título de um de seus manuscritos o seguinte tratado: *Carta histórica e política endereçada a um magistrado sobre o comércio da livraria, seu estado antigo e atual, suas regras, seus privilégios, as permissões tácitas, os censores, os vendedores ambulantes, a travessia das pontes e outros objetos relativos à política literária*.¹⁴ Uma resposta bem-humorada seria porque você ainda não conquistou a liberdade panfletária de Diderot, que escrevia contra a censura à livre circulação das obras literárias. Mas, mesmo para o autor de *A enciclopédia*, esse título deve ser considerado

¹¹ O tesouro do Inep está disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pesquisa-thesaurus>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

¹² Bruschini, Cristina; Ardaillon, Danielle; Unbehau, Sandra G. *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*. São Paulo: Editora 34/Fundação Carlos Chagas, 1998; Burton, William C. *Burton's legal thesaurus*. 4. ed. New York: McGraw-Hill, 2007; Kennedy Institute. *Bioethics thesaurus 2001*. Washington: Kennedy Institute of Ethics, 2001; Tribunal Superior Eleitoral. *Tesouro da Justiça Eleitoral*. 7. ed. Brasília: Coordenadoria de Editoração e Publicações, 2010.

¹³ Os melhores tesouros estão em língua inglesa, o idioma mais utilizado pela pesquisa acadêmica. Uma boa referência é o tesouro da Unesco: <<http://databases.unesco.org/thesaurus/>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

¹⁴ Chartier, Roger. Diderot e seus corsários. In: _____. *Inscrever & apagar*. São Paulo: Unesp, 2007. p.285.

exagerado: sem contar as vírgulas, foram 41 palavras.¹⁵ Com o tempo, o longo título se viu reduzido a *Sobre a liberdade de imprensa*. Talvez você considere que as 41 palavras de Diderot foram mais precisas que as cinco a que se viu reduzido o título, mas na comunicação científica é o resumo quem ocupa esse espaço da precisão. Com revisões de pontuação e enquadramento na linguagem acadêmica, o título-tratado de Diderot estaria bem próximo do que você desenhará como o resumo de sua monografia de graduação.

Superada a aflição sobre a economia do título funcional, há uma dica preciosa para pensar em como elaborá-lo. Tome nota das palavras-chave utilizadas pelas autoras nos artigos em periódicos acadêmicos. Algumas revistas utilizam “descritores” ou “unitermos” como sinônimos para palavras-chave. Se o título funcional resume sua intenção de pesquisa em 15 palavras, as palavras-chave devem ser ainda mais precisas: em geral, as autoras se limitam a três ou cinco palavras para descrever o assunto de cada artigo. Eu sugiro que trabalhe com três nesta fase da pesquisa. Tente não inventar palavras-chave, evite expressões metafóricas e persiga a exatidão. Certamente você se sentirá um pouco constrangida em sua capacidade criativa e expressiva tendo que traduzir suas ideias em palavras-chave já estabelecidas por outras autoras, mas lembre que esta é uma etapa ainda bastante inicial de sua pesquisa. Você terá tempo suficiente para redescrever o que, hoje, pode parecer insuficiente. O domínio das palavras-chave é um passo seguro para o desenho do título funcional. Esse será seu primeiro produto de escrita acadêmica.

¹⁵ O livro foi escrito em parceria com Jean D’Alembert no século XVII.

Mas como escrever um problema de pesquisa? Você já tem o título funcional e ele será seu termômetro para o problema de pesquisa. Os dois precisam estar em estreita conexão e harmonia. Vou sugerir uma formuleta, bastante simples, mas que tem ajudado jovens pesquisadoras a organizar suas ideias. Essa formuleta é um resumo intelectual de dezenas de manuais de pesquisa que me inspiram, muitos deles bem detalhados e sofisticados quanto à apresentação da seção “declaração de objetivo de pesquisa”. Entenda minha formuleta como uma dica que, certamente, você irá aprimorar com suas leituras durante o semestre. Ela se transformará em sua declaração de objetivo geral. Mas confesso que eu mesma parto dela quando vou iniciar um novo projeto. É um guia seguro para organizar os primeiros pensamentos, pois me obriga a pensar o objetivo em termos de suas unidades básicas de texto e de lógica argumentativa. A declaração de um problema de pesquisa deve seguir a ordem direta, sem adjetivos, com verbos claros e de investigação, com delimitação da unidade de análise e recorte temporal. Aqui está a formuleta nada secreta:

Meu problema de pesquisa é [verbo] [variável]
[unidade de análise] [recorte temporal]

Um exemplo: Meu problema de pesquisa é [analisar]
[o estigma da deficiência] [entre mulheres cadeirantes
estudantes da Universidade de Brasília] [após a criação do
Programa de Atendimento à Deficiência].

Imagine que palavras-chave inspiraram esse problema e que títulos funcionais poderiam descrevê-lo. As palavras-chave poderiam ser: estigma; discriminação; deficiência; deficiência física; impedimento corporal; gênero; mulher; ensino superior; política de educação. Veja que há palavras-chave em excesso nessa lista – um sinal de

que as possibilidades são muitas –, portanto, seu primeiro exercício será selecionar quais demarcam a identidade de sua pesquisa. A seleção das palavras-chave dará boas dicas do percurso que você deseja explorar na pesquisa, na revisão da literatura e, mais importante ainda, na escrita de seu texto. Sobre esse mesmo conjunto de palavras-chave e esse mesmo problema de pesquisa, exemplos de títulos funcionais poderiam ser: *Mulheres e educação superior: uma etnografia do estigma na Universidade de Brasília*, ou *Educação e estigma: uma análise de programas universitários para pessoas com deficiência física*. Novamente, perceba como os títulos indicam estudos muito diferentes, mesmo que em torno de palavras-chave semelhantes e do mesmo problema de pesquisa. As combinações são inúmeras, por isso dedique-se a pensar sobre a mensagem que cada um deles transmitirá a sua leitora. Você fará seu primeiro exercício efetivo de comunicação científica.

O grilo do tremor

Eu sei que não é fácil enfrentar de saída seu título funcional, seu problema de pesquisa e as palavras-chave. Eles serão o coração pulsante de seu projeto e estou lhe pedindo que inicie exatamente por eles. Todas as vezes que escrevo essas seções de um novo projeto, experimento um misto de tremor e felicidade. O tremor nos acompanhará por toda a trajetória acadêmica. Meu conselho é que aprenda a conviver com ele. De tanto tremer pela criação, resolvi corporificar esse espírito teimoso que faz minhas mãos oscilarem no teclado. Eu o chamo de meu grilo do tremor: nunca o deixo me dominar, mas não esqueço que ele acena para a prudência. Se imagina que será feliz na

companhia do grilo, interrompa a leitura uns minutos e apresente-se a ele.

É nesse jogo entre reconhecimento e silenciamento do grilo do tremor que o prazer me acompanha enquanto pesquiso e escrevo. As ideias entram em ebulição e o resultado é um certo tremor nas mãos enquanto digito. Ao me desnudar pelo que escrevo, como acontece agora, um novo ciclo de exposição pública se inicia. Sim, eu ainda não havia lhe dito isso: escrever é se expor publicamente. Mas pensar é também curar as feridas da inquietação, como diz Mia Couto.¹⁶ Se você já teve um blog na adolescência, sua nova experiência como autora será diferente – agora você terá leitoras externas à rede social autorizada a ler seu blog. Eu serei uma delas, e seu grilo, seu primeiro crítico. Por favor, não suspire: o seu grilo é só seu e dele é que ouvirá as críticas mais importantes. Vocês sempre estarão sozinhos. Os humanos virão depois de seu grilo. Eu só farei a leitura seguinte e prometo que serei cuidadosa com sua ansiedade.

Mas não confunda o tremor que acompanha a criação com temor. Tremor e temor são estímulos corporais e mentais muito diferentes e levarão você por diferentes caminhos na criação. O temor inibirá sua liberdade de pensar e, em breve, de escrever. Ele a emudecerá. Nem o grilo nem eu podemos lhe impor medo, pois essa é a pior censura que pode existir para uma aspirante a pesquisadora e escritora acadêmica. O tremor é um sinal da prudência criativa que todas temos que desenvolver. Ele se expressa pela excitação da descoberta, pelas pausas em que os dedos não nos obedecem no teclado e nada é escrito na tela, ou pelas explorações sem rumo pela bibliografia. Os tremores que sinto ao escrever sobre um tema novo – como será o

¹⁶ Couto, Mia. Quebrar armadilhas. In: _____. *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Cia. das Letras, 2011. p. 99-106.

seu caso no projeto de pesquisa – ou ao falar pela primeira vez sobre uma pesquisa são sinais de cautela acadêmica: nossas intuições ainda precisam ser testadas e esses são ritos públicos de enunciação. Conheceremos nossas críticas pela primeira vez, e o grilo já terá ficado para trás. O temor, ao contrário, impedirá que você se lance como autora. Manterá você no silêncio imposto pelo medo. Não se esqueça: aceite-me como sua leitora-ouvidora e afugente o temor de sua iniciação à pesquisa acadêmica. Só o tremor é criativo.



ENCONTRO COM O TEMPO

Assim como você, eu valorizo o tempo. Bem planejado, ele me permite ouvir, ler, aprender, criar, escrever ou vaguear. Eu tenho diferentes formas de vaguear – a leitura é só uma delas. Por isso, cuido de como uso meu tempo e o tempo de quem se relaciona comigo. Assim, peço que também considere seriamente como irá usar o meu tempo para ouvir, ler e conversar sobre suas ideias e textos. Eu sei o quanto a espera é angustiante para quem ainda tateia a voz de autora e deseja ouvir sua primeira leitora. Ao terminar um texto, você aguardará com ansiedade minha leitura. Não precisa se angustiar antecipadamente, você tem nesta carta uma promessa escrita – se cumprirmos nossos acordos quanto ao uso do tempo, você não sofrerá a angústia da espera pela leitora-ouvidora. Eu estarei ao seu lado, mas para isso você precisa cumprir os acordos que firmamos quanto à vivência do tempo em comum.

Para que o seu tempo se encontre com o meu tempo, é preciso que desembrulhemos uma palavra adorada

pelas administradoras e pelas professoras de pesquisa – “planejamento”. Aqui a usaremos intuitivamente quanto ao sentido: o planejamento é aquilo que organiza etapas, tarefas e produtos. Para cada um dos momentos da produção acadêmica, precisamos determinar prazos. Por isso, a unidade básica de planejamento é o “uso do tempo”. Viveremos a partir de hoje um encontro entre pelo menos dois tempos – o seu na elaboração do projeto de pesquisa e na redação da monografia e o meu como sua leitora-ouvidora. Mas, na verdade, é mais do que isso: nossas histórias intelectuais se cruzarão intensamente durante esses dois semestres. Nossas leituras, inquietações e descobertas serão temas permanentes de nossas conversas. Iremos trocar leituras e desventuras do texto. A felicidade e a riqueza desse encontro dependerão mais de você do que de mim. Por isso, falarei mais sobre como organizaremos conjuntamente nossos tempos do que sobre qualquer expectativa de genialidade criativa solitária, pois o planejamento é o que permite o trabalho em equipe. Sim, outra novidade: nós duas somos uma equipe ou, como prefiro nos descrever, somos um par intelectual.

Acredite que há muitas vantagens nesse momento de exercício da autonomia acadêmica, mas a criação dependerá fortemente da organização de seu tempo. Abaixo exponho a forma como gosto de trabalhar, o que permitirá a você avaliar antecipadamente como poderemos negociar estilos e ritmos de trabalho. Além de minha própria agenda de pesquisa e de atividades profissionais, você é uma entre várias orientandas que também aguardam a leitura atenta dos textos. Isso significa que, para honrar minhas responsabilidades acadêmicas com todas elas, e agora com você, não pode haver quebras em nossos acordos. Quebrar um acordo não a levará a um cadafalso, mas romperá com a regra mais básica de funcionamento de nosso encontro.

Chamo essa regra de *pacto do tempo*. Quero que sinta qualquer ruptura do pacto do tempo como uma quebra de promessa que firmaremos neste instante pelo período que durar nosso encontro de pesquisa. Como em um código de honra entre duas mulheres, pare a leitura e assumo o pacto do tempo como seu. A partir de agora, nenhuma de nós desrespeitará prazos e acordos. Com algumas diferenças e particularidades, acredito que esse é um estilo compartilhado por quase todas as orientadoras que já conheci, então não me considere exagerada.

Uso do tempo

Não acredite em pessoas geniais. Muito menos em inspiração criativa apenas pelo ócio. Como já disse, vagar ajuda a pensar, mas não é suficiente para produzir uma monografia de graduação. A produção acadêmica é resultado de um grande esforço intelectual, de uma curiosidade insaciável e de um imenso senso de suspeita sobre o que achamos já saber. Uma suspeita deve se manter com você a partir de agora: antes de se crer diante de uma grande descoberta, desconfie de sua ingenuidade e lembre-se de quantas pesquisadoras vieram antes de você. A cada ímpeto de genialidade solitária, saia à procura de um nome de autora que desconhecia. Verá que beleza de enciclopédia estará à sua disposição. Isso não significa que o passado deva intimidá-la, mas apenas que a certeza da anterioridade nos manterá sempre como autoras cautelosas diante do texto e da pesquisa. Conhecer quem escreveu e pensou sobre seu tema é um ato de sabedoria e de firmeza intelectual. Acredite que há um efeito tranquilizador no exercício de “revisão da literatura”: conhecer outras autoras

e vozes acalma nosso espírito inquieto, que se movimenta como se tudo ainda precisasse ser feito.

Hoje você inicia o seu projeto de conclusão de curso de graduação. Registre o marco zero no cronograma que acompanha esta carta. Será um dia memorável para sua história acadêmica. Eu tenho uma certa melancolia por não conseguir me lembrar do primeiro dia em que pensei em meu projeto de pesquisa de graduação. Era início dos anos 1990 e eu estudava a migração japonesa para o Distrito Federal na época da construção de Brasília. Trabalhei com a memória dos migrantes mais velhos. Para acalmar esse vácuo de lembrança, tento guardar o registro vívido das últimas horas em que terminei de revisar minha tese de doutorado, um estudo teórico sobre o relativismo e os universais feministas de direitos humanos, em finais dos anos 1990. Ritualize esse momento inicial de seu projeto, ele é especial para o seu presente e mais ainda para o seu futuro.

Depois desse momento solene, acredito que esteja preparada para as perguntas que provocam profundos suspiros. Você terá cerca de 15 semanas para elaborar o seu projeto.¹⁷ Olhe para os 105 dias, distribuídos em 15 semanas, e responda a estas duas perguntas: a) quantas *horas* por dia reservarei para o projeto?; b) quantos *dias* por semana reservarei para o projeto? Para responder a elas, ignore o tempo em que se dedica a disciplinas de seu curso, caso ainda tenha que cursá-las enquanto avança em seu projeto. As perguntas são exclusivas sobre a sua pesquisa. Eu não preciso conhecer suas respostas, mas você deve mirá-las como um segredo recém-desvendado. Esse segredo será a memória de um compromisso que você assume consigo mesma. Eu não serei um espectro de Chronos a lhe

¹⁷ Imagino que seja uma disciplina de quatro horas semanais durante 15 semanas.

chamar a atenção sobre o tempo que se prometeu para essa tarefa: a única censora de si mesma será você. Quero apenas que acredite nesse meu primeiro conselho de planejamento – sem a organização do tempo, não há ritmo criativo que responda às regras do jogo que lhe são impostas neste momento. Você tem apenas dois semestres para apresentar um produto que será avaliado por uma banca.¹⁸ Esse produto será sua monografia de graduação.

Assumiremos que suas respostas de hoje serão válidas para o semestre, certo? Errado. Sei que acabo de tirar de você o senso de descoberta solitária sobre o primeiro desafio de planejamento do tempo: conter o otimismo. Verá na terceira semana que terá muito menos tempo do que imaginou. Ao menos, aliviarei seu constrangimento de ver como seu primeiro planejamento não funcionará. Bem, isso a forçará a uma escolha: ou se reorganizará e aumentará seu tempo para a pesquisa; ou assumirá que tem menos tempo do que imaginou e organizará melhor suas tarefas de pesquisa. Descubra qual tempo é mínimo para que possa completar cada fase do projeto de pesquisa e não se permita menos do que o mínimo. Mas a consciência do mínimo exige um exercício permanente de superação. Tente a cada semana se dedicar mais à pesquisa. Verá que é uma tarefa repleta de prazeres. E sua endorfina intelectual será exponencial: à medida que mais pesquisar, maior prazer terá em descobrir. Mas, para isso, esqueça o otimismo nos planos, seja sempre realista em suas possibilidades e afugente com vigor o espírito da dispersão.

Por experiência, sei que a pergunta que acompanha seus suspiros é “em quanto devo aumentar meu tempo dedicado à pesquisa semanalmente?”. Só posso responder se

¹⁸ Aqui considero que seu trabalho de conclusão de curso será lido por sua orientadora, mas também por uma banca de outras professoras. Se não for esse o caso em seu curso, a avaliação será feita por sua orientadora.

souber quanto tempo dedicará ao seu projeto de pesquisa. Se quiser, me conte no próximo encontro. Mas considero que é muito difícil levar adiante o conjunto de tarefas que a esperam com menos de 10 horas semanais dedicadas ao projeto, à pesquisa e à escrita da monografia. O ideal é que todos os dias você trabalhe em algum dos ciclos básicos da monografia – pesquisa bibliográfica ou de campo, leitura, escrita e revisão. Se não for possível organizar seu tempo de forma a cobrir os quatro domínios diariamente, que ao menos os organize no decorrer da semana. O ideal é que esse seja um ritmo pensado em unidades diárias de atividades. Assim, volte à resposta que me deu sobre seu tempo reservado à pesquisa e veja se dispõe das 10 horas semanais e como pensa em distribuí-las diariamente. Se não está próxima desse mínimo, sugiro que se esforce para atingi-lo. O quanto antes assumi-lo como a medida de sua ampulheta, melhor para o seguimento das etapas que nos esperam durante os dois semestres. Lembre-se: pesquisa é essencialmente um ofício cumulativo e permanente.

Ritmos

Considerando que você tenha reservado mais de 10 horas semanais para os quatro domínios – pesquisa bibliográfica ou de campo, leitura, escrita e revisão –, a organização de seus dias para a execução de cada um deles deve ser um ajuste entre seus afazeres diários e um autoconhecimento sobre o seu ritmo circadiano. Explico-me sobre esse ponto. Conheci muitas jovens pesquisadoras que me diziam que seu ritmo de estudo era noturno, isto é, só conseguiam trabalhar no projeto à noite, quando não tinham interrupções, sendo as mais comuns: mãe,

cachorro, telefone, televisão ou detox virtual.¹⁹ O problema é que no dia seguinte estavam despertas pelas manhãs para outras atividades acadêmicas ou pessoais, fossem aulas ou passeios com o cachorro. Havia um ritmo social que as constrangia e elas acabavam não conseguindo manter uma rotina de pesquisa, pois os momentos de exaustão e ruptura eram contínuos.

Eu, particularmente, descobri que prefiro estudar pelas manhãs e escrever à tarde. Dias inteiros livres são perfeitos para escrever. Intervalos de pequenas horas podem ser preenchidos com a leitura de artigos breves. Nunca trabalho à noite em atividades que exigem criação. Caso eu tenha que realizar alguma tarefa à noite, somente faço revisão do texto. Mas para isso testei minha relação com o tempo e dominei meu ritmo corporal. À medida que anoitece, minha leitura muda de estante – esqueço Donna Haraway e leio Osamu Dazai.²⁰ Assim como as horas importam para a leitura e a escrita, o espaço em que repousará seus apetrechos pode ser importante para sua concentração. Há pessoas que só gostam de ler em casa, vestindo pijama. Outras preferem responder a mensagens ou realizar pesquisas bibliográficas em cafés ou bibliotecas. Há uma geografia da produção intelectual que é singular para cada uma de nós: faça um esforço para descobrir como irá ocupar esses diferentes espaços no tempo de que dispõe.

A organização do tempo entre essas quatro tarefas – pesquisa bibliográfica e de campo, leitura, escrita e revisão – será estabelecida por você. Só você sabe quando é melhor

¹⁹ De todos esses agentes de perturbação, só não reconheço os cães. Detox virtual é o universo de redes e comunicações virtuais que passam o tempo e perturbam o espírito. É fácil reconhecer no dia seguinte uma sobrevivente de overdose de detox virtual.

²⁰ Há quem diga que só consegue ler ou escrever com a televisão ligada. Sem qualquer evidência de pesquisa, rejeito essa tese. A leitura exige solidão, silêncio e concentração.

escrever ou ler. Se ainda não sabe, faça testes, descubra-se no tempo. Reserve a primeira semana de sua iniciação à pesquisa para conhecer seus ritmos e tempos. Inspirada nas nutricionistas que prescrevem dietas para engordar ou emagrecer, anote em uma Moleskine, a legendária caderneta de Ernest Hemingway, seus horários e estímulos para cada uma das quatro tarefas. Mas, assim como quem está em dieta não pode mentir no diário alimentar, não se engane. Eu não lerei sua caderneta, por isso não há por que sentir vergonha. Ela será uma peça secreta e privada sua; a função é permitir um estranhamento de sua rotina intelectual no tempo. Acredite em mim: seu bem mais precioso, mas também mais escasso, será o tempo. Há muito o que ler, pois o universo da enciclopédia que nos antecede e acompanha é fascinante.

Eu acredito em “treino intelectual para o uso do tempo”. A primeira vez que pratiquei ioga me lembrei dos primeiros pães que assei. Não sou iogue nem cozinheira. Só que descobri que, até mesmo para me manter firme em uma posição, o tempo importava – em posições musculares de força, eu não conseguia mais do que trinta segundos, ao passo que, nas posições de alongamento, eu facilmente atingia os cinco minutos. Meu treino concentrou-se em aumentar o tempo de permanência nos ásanas de força e aperfeiçoar a estética da permanência nos ásanas de flexibilidade.²¹ Hoje tenho ritmos mais equilibrados, mas minha preferência pela flexibilidade me exige continuamente praticar a permanência na força ou no equilíbrio. É esse mesmo jogo entre autoconhecimento e disciplinamento do corpo que você terá que desenvolver para avançar nas quatro tarefas básicas da pesquisa. Algumas serão suas preferidas, mas terá que trabalhá-las conjuntamente. Da mesma forma me observei assando

²¹ “Ásana” é o termo em sânscrito que representa a técnica corporal da ioga.

pães: algumas vezes a pressa não permitia que o fermento crescesse a massa, outras vezes eu não ajustava corretamente a temperatura do forno. Rapidamente descobri que meu desafio era a quantidade de açúcar – um erro de punhado e o pão ficava sovado.

Para praticar ioga, eu estudei, viajei à Índia e me mantenho ativa nas aulas. Meu equipamento básico se reduz a um tapete e um cronômetro. Durante muito tempo, eu conseguia praticar ioga sem tapete, mas não sem cronômetro.²² Faça o mesmo: para começar, una-se a um cronômetro enquanto busca descobrir seu ritmo de pesquisa. Seu celular deve ter essa função, senão troque o aparelho ou arrume um cronômetro charmoso. Meça o tempo de que você necessita para algumas tarefas corriqueiras de pesquisa. Já listarei alguns itens básicos, mas antes me permita acalmar seus suspiros. Essas são perguntas que sempre atemorizaram minhas orientandas e bastava eu enunciá-las para algumas me ameaçarem de abandono. Elas achavam que eu era uma neurótica com o tempo. Não vou contestar esse possível diagnóstico, mas me dê a chance de provocar em você a sensatez no uso do tempo. Em breve, poderá abandonar o cronômetro, mas por enquanto ele será um bom companheiro.²³ Prepare-se para suspirar, pois estas são perguntas aleatórias sobre diferentes tarefas de pesquisa:

a) de quanto tempo preciso para ler uma página de texto teórico?

²² Hoje, eu vivo sem cronômetro e sem tapete, mas não abandono meu iPad e as aulas virtuais.

²³ Algumas pesquisadoras contestam o cronômetro e defendem planos de leitura diária ou semanal, tais como um livro por semana e dez artigos por mês. Os sistemas são parecidos, desde que se conheça qual o ritmo de leitura para cada tarefa. O cronômetro é a materialização do tempo. Entenda-o dessa forma.

b) de quanto tempo preciso para localizar uma fonte confiável nas bases de bibliografia?

c) de quanto tempo preciso para fazer o fichamento de um texto de 20 páginas?

d) de quanto tempo preciso para escrever uma página?

e) de quanto tempo preciso para revisar uma página escrita?

Para contar o tempo, anote suas atividades em uma segunda Moleskine. Seu diário de leitura não precisa ter história mítica para funcionar, pode ser uma caderneta qualquer ou um pedaço de papel que não desapareça em sua escrivaninha. Mas seja honesta com você: anote as interrupções, as distrações, os telefonemas, os lanches, as idas ao banheiro. E não ponha a culpa em seu cachorro. As caminhadas com ele ajudam a pensar. Saiba exatamente de quanto tempo precisará para enfrentar uma nova leitura ou iniciar um novo capítulo da monografia. Mas antes de tudo saiba por quanto tempo consegue manter-se em regime de concentração. Cada uma de nós começa com um intervalo de tempo e, como qualquer prática, ele aumenta a cada dia. A ideia desse exercício é conhecer as unidades de tempo necessárias para as atividades básicas da pesquisa. Veja se essas são boas perguntas para o seu treino intelectual para uso do tempo ou se gostaria de substituí-las.



ENCONTRO COM O TEXTO

A leitura será sua atividade mais básica de pesquisa. Ela terá de ser feita durante todo o período de elaboração do projeto e de redação da monografia. Ler é escolher, muito mais do que deixar se dominar pelo que cruzar o seu caminho. Não haverá um momento final em que você poderá dizer “acabei a revisão da literatura”, semelhante ao marco zero da pesquisa que já registrou em seu calendário. Esse anúncio é apenas uma pausa fictícia enquanto se descobre na escrita. Sim, você terá de diminuir o ritmo da revisão da literatura para escrever, mas jamais abandonará a leitura, nem mesmo quando estiver prestes a me entregar o texto final para a derradeira revisão. A leitura nos inspira, permite desvendar segredos nos dados de campo, estimula os dedos para a escrita. Não sei se a medicina concorda com o que sinto, mas acho que há uma conexão neuronal entre os olhos e as mãos – quanto mais leio, mais meus dedos fluem na escrita. Talvez para as escritoras cegas, essa conexão seja entre os ouvidos e os dedos.²⁴

²⁴ Já conheci autoras cegas que utilizavam programas de conversão de voz em texto. A conexão deve ser entre voz e dedos.

Na minha experiência como leitora-ouvidora, me surpreendo como essa relação entre olhos e dedos, ou entre ouvidos e dedos, se repete entre as pesquisadoras. A repetição me inspirou a descrevê-las por estilos. Eu nunca acompanhei minhas orientandas lendo, mas pelo texto que me apresentaram fui capaz de imaginar que leitoras seriam. Sem querer cometer a imprudência da classificação, até mesmo porque todas nós somos únicas nessa descoberta de livros e escrituras, desenhei quatro estilos de leitora: a burocrata, a atriz, a desnorreada e a criadora. Claro que há variantes desses estilos; este é só um exercício bem-humorado para organizar minhas ideias sobre leituras e leitoras. Antes de apresentá-las, assumo minha preferência – seja uma leitora criadora. Meu esforço será por descrever os simulacros da criadora para inibir-lhe qualquer aproximação com esses outros espectros de leitora. Antecipo que não sou neutra na descrição que faço dos estilos de leitura e lembro que jamais etnografei minhas orientandas lendo. O que agora lhe escrevo baseia-se em “fontes secundárias” de pesquisa, particularmente os textos que elas produziram no período de orientação.²⁵ Em termos metodológicos, considere minhas fontes como pouco confiáveis para o que passo a escrever.

A leitora burocrata é aquela capaz de cumprir com as regras formais da pesquisa e, por isso, realiza uma bela revisão da literatura. Lê incansavelmente, repete com precisão o que muitas autoras disseram. Mas dificilmente cria, por isso tenho dificuldade em identificar sua voz no texto que me apresenta. Sinto que as vozes das autoras que a inspiram emudecem sua potência criadora. Seu regime de escritura é também burocrático – uma costura de citações. Não é uma plagiadora, longe disso. Seu espírito cumpridor das regras a afasta do risco do plágio; ela teme

²⁵ Fontes secundárias são aquelas não diretamente coletadas pela pesquisadora.

ser pega na cópia infame. Minha impressão é que a leitora burocrata não experimenta a delícia das mãos tremendo para a criação. Eu a imagino repleta de fichas, notas, arquivos, tudo milimetricamente organizado e separado em sua escrivaninha enquanto escreve a monografia. Nada há de errado em ser organizada, eu admiro pesquisadoras muito organizadas, e me esforço para ser uma delas. Mas a organização é um meio para a criação e não um fim em si mesmo. O mérito da leitora burocrata é ser excessivamente responsável e alguém com acúmulo suficiente de conhecimento para algum dia romper o medo e vir a possuir uma voz. Em geral, a jovem pesquisadora burocrata não me traz dissabores – eu é que me mantenho à espera de um surto criativo.

A leitora atriz é o contrário da burocrata. Todas as professoras já tiveram alguma aluna assim: ela não lê, mas instantes antes de a aula iniciar passa os olhos no texto ou assunta o tema com suas colegas burocratas. Isso é o suficiente para assumir um ar compenetrado e rebuscado na linguagem, e acreditar participar ativamente da aula. Ela é uma fingidora de leitora. A leitora atriz nunca me convence, e sinto por ela uma piedade muito maior que em relação à burocrata. A burocrata me inspira a provocá-la, ao passo que a atriz me afasta da escuta ativa. Acredito que a leitora atriz seja uma preguiçosa por hábito que crê enganar a audiência. Minha dúvida é se ela se reconhece em algum momento fora do papel de intelectual que representa. Em geral, o momento da banca da monografia de graduação é um choque de realidade para ela – o fingimento não a salvará da arguição oral.²⁶ Ao contrário da leitora burocrata, que é uma cumpridora das regras, a leitora atriz

²⁶ Imagino que seu curso tenha o rito da arguição oral com defesa ao final da monografia. Se não o tiver, sugiro que inicie uma discussão para sua implementação, pois é um momento rico de formação para a oralidade acadêmica.

é a que mais rapidamente sucumbe ao planejamento, ao ritmo permanente e profundo das leituras, às exigências de criação com consistência. Em geral, é a leitora atriz quem fracassa na pesquisa acadêmica séria, apesar de ser uma sobrevivente durante o curso de graduação e até mesmo fazer sucesso em audiências superficiais.

A leitora desnorreada provoca compaixão em sua orientadora, apesar de algumas vezes desafiar a paciência. Estou sendo honesta com você. Eu descubro as leitoras desnorreadas na primeira conversa sobre sua revisão da literatura – ela não consegue diferenciar a tese central de um artigo, perde-se em detalhes periféricos de um argumento e sofre por essa perda. Ela anda repleta de livros e faz questão de me mostrar os prazos da biblioteca, as últimas aquisições, os textos que arquivou em seu programa de bibliografia.²⁷ O principal desafio da leitora desnorreada é encontrar rumos, por isso é a que mais demanda atenção de sua orientadora. Há aqui uma diferença importante entre desnorreamento e inocência, esse último um estado natural de uma jovem pesquisadora diante do universo da enciclopédia que a ronda. A leitora desnorreada não sabe por onde seguir e, algumas vezes, mesmo após boas listas de leitura oferecidas pela orientadora, ela não é capaz de encontrar o rumo para ter uma voz. Mas eu sempre acredito que o norte pode ser encontrado na vida acadêmica.

Certamente há outros tipos de leitoras, mas a leitora criativa é a que mais me encanta. Ela tem em si o espírito ironista da dúvida, mas é também capaz de ouvir e repetir com honestidade e paciência. Ela cultiva a sabedoria, sem pressa pelo acúmulo arquivista que assola algumas leitoras burocratas. A leitora criativa é capaz de combinar um senso aguçado para o novo com um respeito suspeito pelo

²⁷ Adiante falarei dos programas de bibliografia.

antigo. Ela não acredita em teses prontas, duvida de quem lhe diz que as teorias serão capazes de responder a todas as suas inquietações. A leitora criativa aprende rapidamente a respeitar seu grilo do tremor e duvida também de si mesma. É cautelosa no que lê, é seletiva em suas autoras, e tem calma para avançar. Não se intimida com suas colegas que procuram impressionar pelo obscurantismo do texto ou pela arrogância de autoras e conceitos enquanto discursam. Ela me ouve com respeito, mas também com cautela. Não sou uma mentora, só uma leitora-ouvidora atenta. Serei só mais uma opinião entre várias outras.

Como vê, não tenho limites para elogiar a leitora criativa. Eu não tenho uma formuleta, como a que apresentei para enunciar o problema de pesquisa, para ensiná-la a ser uma leitora criativa e afugentar os espectros das outras leitoras. Todas nós já fomos burocratas ou desnordeadas na leitura, em especial quando iniciamos a investigação sobre um novo tema. Mas muitas de nós conseguimos evitar o espectro da leitora atriz. Ela é uma fantasia alimentada pela arrogância acadêmica que ignora o que há de mais sublime na intelectualidade – o verdadeiro prazer de ler e descobrir seu próprio texto nas vozes de outras autoras. Por isso, eu lhe peço: nunca se comporte como uma leitora atriz comigo. Eu me comprometo a ter paciência com seus surtos burocratas ou desnordeados, em especial se eles forem se tornando raros à medida que avançarmos na pesquisa. Não há um ciclo evolutivo entre os estilos de leitoras. Algumas já iniciam a vida acadêmica como leitoras criativas e, rapidamente, explodem como autoras. Seja paciente com você mesma, mas não esqueça que a leitura é o que fará seus dedos tremerem no teclado e seu espírito se inquietar para a criação.

Sabe por que falei da leitura em uma carta sobre orientação? Porque tenho uma suspeita que queria dividir com você. A leitura é um hábito associal. Ela irá desafiá-la a ter prazer sozinha, em silêncio, afastada do convívio de outras pessoas. Você sentirá que essa é uma experiência impossível de ser compartilhada com outros humanos. Os cachorros são bons parceiros nessa jornada. Eu batizei minha cadeira de leitura de “poltrona da discórdia”, pois basta me sentar para meus dois cachorros disputarem espaço para se aninharem. Algumas vezes, um livro é o sinal para que eles se antecipem a mim em direção à poltrona. Somos três no silêncio da leitura dividindo o espaço de uma só leitora. Para mim, ler é ter prazer na solidão, acalentada pela companhia de dois velhos cães.

Você terá de ler muito e intensamente para conseguir construir um texto com voz de autora. Roland Barthes disse que há níveis de leitura – a leitura na extensão e a leitura que provoca deslocamentos.²⁸ Prefira sempre essa última. Os deslocamentos nos inquietam, afugentam nossas certezas temporárias, mas nos movem rumo ao desconhecido de onde nascerá a criação genuína. É do deslocamento que nascerá sua voz de autora. E somente a leitora criativa experimentará deslocamentos com as palavras de outras autoras. Você não será a mesma depois que conhecer uma autora forte. Os deslocamentos serão sentidos em seu texto, por isso poderei identificá-la de acordo com seu estilo de leitura. A leitura de uma autora forte é o que nos desloca para sempre, seja no pensamento ou no texto. Eu me lembro da primeira vez que li Judith Butler, um deslocamento definitivo na forma como penso o corpo e a vida. Ou quando descobri Mia Couto e Kenzaburo Oe na literatura. Busque as autoras fortes, e não acredite nas

²⁸ Barthes, Roland. *Leçon inaugurale de la chaire de sémiologie littéraire du Collège de France*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

polícias de fronteira do conhecimento que supõem haver credenciais para a autoridade. As boas autoras podem estar na filosofia ou na literatura.

Hábitos de leitura

Ler não é um ato mecânico resultado de uma boa alfabetização. É um exercício solitário de prazer. Há autoras mais fáceis, outras mais difíceis. O estatuto de dificuldade de um texto não é absoluto, mas um julgamento situado em um determinado momento de nossa trajetória acadêmica. Por isso, é sempre uma avaliação singular feita por uma leitora individualmente em um determinado momento. Mas algumas autoras são conhecidas pelo estilo hermético e até mesmo rude de escrita. A primeira vez que li Hannah Arendt duvidei de minha capacidade de compreensão. Recorri a manuais, dicionários especializados, a autoras experientes que me ajudaram a entender o que eu deveria buscar nas leituras.²⁹ Já fui uma leitora voraz de Arendt e não mais preciso de auxílio para compreendê-la. Há outras autoras que mesmo os anos de solidão intelectual não foram suficientes para uma aproximação intelectual tão pacificada. Para elas, dei o meu veredito do abandono: não me interessa conhecê-las. Ao menos agora. Essa é uma liberdade de escolha que em breve você conquistará, acredite. Por enquanto, evite o *veredito do abandono*, pois é natural que algumas autoras lhe pareçam densas e impenetráveis como

²⁹ Há quem sustente que a leitura de uma autora forte exige imersão absoluta, não devendo ser mediada por obras secundárias. Minha opinião é a mesma: as autoras fortes merecem essa experiência de solidão, mas algumas vezes a barreira da compreensão é tão intensa que obras críticas e comentaristas facilitam a aproximação. A verdade é que não há substitutos para o encantamento provocado por uma autora forte em nós. No entanto, precisamos de treino intelectual para apreciá-las.

Immanuel Kant. Insista, não abandone ainda as leituras no meio do caminho.

Precisei de bons hábitos de leitura para superar meus desafios. Você deve fazer o mesmo. Vim de uma geração em que as pessoas seguravam o livro em uma mão e na outra mantinham um cigarro aceso. Os tempos mudaram, por isso minhas dicas são todas livres de vício.³⁰ Descreva para si mesma como são seus hábitos de leitura: onde lê? Quanto tempo consegue ler sem pausas? Precisa de silêncio para a leitura? Anota enquanto lê? Que tipo de anotação realiza: visual ou registro literal de trechos da obra? O primeiro passo para melhorar seus hábitos de leitura é conhecê-los. Sim, eu adoro provocar a consciência sobre nossos hábitos, acho que já percebeu isso. A verdade é que a leitura é uma dessas experiências que vivemos diariamente, mas sobre as quais pouco refletimos. Se puder, anote seus hábitos. Trace uma avaliação sobre suas práticas cotidianas de leitura.

Eu descobri que preciso ler textos acadêmicos com um marca-texto amarelo na mão. A cor amarela provoca minha atenção. No passado já foi um lápis de cor vermelho. Essa certamente é uma avaliação estética, mas que tem razões psíquicas para mim. O amarelo foi uma escolha afetiva e estética que pode mudar em breve, e só serve para os livros. Para os artigos que leio em meu *tablet*, uso todas as cores disponíveis como marca-texto, mas ainda prefiro o amarelo.³¹ Não faço notas enquanto leio, apenas

³⁰ Para ser honesta, tenho um vício inocente. Sempre tenho um *jarungjit* à mão enquanto leio. Trata-se de uma mistura de ervas tailandesa que refresca a respiração.

³¹ Um instrumento importante para a pesquisa bibliográfica e a leitura de artigos de periódicos científicos é um *tablet* com leitor para textos em pdf. Facilita o armazenamento e é ecologicamente sensível. Umberto Eco, em parceria com Jean-Claude Carrière, escreveu um livro para reafirmar a importância do livro e sua perenidade na era digital (Eco, Umberto; Carrière, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. São Paulo: Record, 2010). Em entrevista mais recente, no entanto, apresentou-se maravilhado com o poder dos *tablets* para a pesquisa acadêmica.

registros mnemônicos a lápis ao lado do texto ou em minha terceira Moleskine, reservada para a pesquisa. A Moleskine para notas de leitura é larga e sem pautas, pois me permite registrar ideias, pensamentos, diagramas. Tenho diferentes cadernetas, como já viu: uma para leitura, outra para novas ideias, outra para usar como diário de campo, uma minúscula para rompantes de ideias no avião, e por aí vai.

Jamais faço o resumo de um texto antes de ter dele uma avaliação global. Nem todas as leituras valem o fichamento. Quando resolvo fazê-lo, já o faço em um programa de bibliografia para que seja um registro permanente.³² Há vários programas de acesso livre que podem ser utilizados por você. Meu conselho é que não inicie seu projeto de pesquisa sem se vincular a um desses programas de bibliografia. Faça uma busca na internet e descobrirá dezenas deles. Eles são intuitivos e rapidamente você aprenderá a utilizá-los. É nele que devem ficar seus textos integrais e suas notas sobre a leitura, quando forem pertinentes. A vantagem é que poderá dividir comigo e com suas colegas de pesquisa a revisão da literatura. Iremos trocar nossas bibliotecas virtuais em um programa de bibliografia.

Mapa de autoras

A revisão da literatura abre um universo quase infinito de autoras. A busca é exponencial. Ao levantar uma fonte, a análise de referências cruzadas permite a recuperação de

³² Um programa de bibliografia é um gerenciador de textos, informações e registros bibliográficos. Se você der uma olhada na biblioteca virtual Scielo, verá que há um ícone sobre importação da referência para um programa de bibliografia. O texto migrará para o seu programa de bibliografia, será arquivado, e as referências bibliográficas serão importadas. Você não digitará os dados, o que diminui consideravelmente os riscos de erro na formatação da bibliografia.

dezenas de outras autoras. Cruzar as referências é ir ao final do texto e ver quem sua fonte citou para escrever o artigo. Você agora irá buscar as mesmas fontes, refazer o percurso da autora e descobrir por você mesma novas ideias. Lembre-se de que a busca de fontes deve ser precisa, por isso suas palavras-chave são tão importantes para guiá-la na pesquisa. À medida que levantar os textos, monte um mapa de autoras a partir das palavras-chave.³³ Continuamente terá que ampliar, revisar, reduzir, rever o escopo de seu projeto, guiada pelo seu problema de pesquisa.

O mapa de autoras é uma representação visual do universo das fontes com que você irá dialogar em seu texto. Não é fácil elaborá-lo, pois ele nos obriga a um duplo movimento: de precisão do tema e do problema de pesquisa, bem como de reconhecimento de quais fontes importam para a pesquisa. Há uma relação de dependência entre as palavras-chave e as autoras que irão explorar as questões de cada braço da pesquisa. Para ter uma ideia de como desenhá-lo, sugiro a leitura do manual de metodologia de John Creswell, que diz ter sido o criador dessa técnica visual de registro da literatura. Em anexo a esta carta há o exemplo de um mapa visual realizado por uma orientanda com quem trabalhei. Inspirada em Creswell, ela organizou seu próprio mapa e me autorizou a reproduzi-lo nesta carta. O tema de pesquisa era o enquadramento do crack na mídia impressa nacional. Ela queria entender como a mídia impressa apresentava o crack, se como uma questão de saúde pública ou de segurança pública. Considero um dos melhores mapas visuais que já revisei.

³³ Um mapa visual de autoras é um organograma que você preencherá com os temas e com as autoras que lerá para compor seu marco conceitual e/ou teórico do projeto. É um registro visual das ideias que irá compondo para desenhar seu projeto.

Não irei reproduzir o modelo de John Creswell aqui para evitar a cópia banal de uma ideia tão genial. Só queria que soubesse que, além de considerar essa uma boa técnica para a organização da revisão da literatura, eu sofro por não ter sido a sua criadora. Tente aprimorar essa ideia de mapa visual às suas necessidades. Sempre que inicio uma nova pesquisa, passo horas revisando o mapa visual a cada nova leitura. Sim, ele lhe consumirá um bom tempo, pois a agenda de leitura é determinada por ele. Ele lhe mostrará o que já recuperou e o que planeja ler. De minha parte, poderei ajudá-la a rever suas prioridades de leitura e temas com maior facilidade. Ao resumir suas buscas bibliográficas e escolhas de leituras no mapa visual, afugentaremos dois espectros de leitoras – a atriz e a desorientada.



ENCONTRO COM A ESCRITA

Não vale sofrer para escrever. A verdade é essa: não vale. Entenda-me em um duplo sentido: por um lado, porque a angústia não será criativa; por outro, porque esse deve ser nosso acordo afetivo. Não acredite em quem diz que a escrita é sempre sofrida – essa me parece ser uma narrativa heroica sobre as conquistas ou desafios. A escrita pode ser uma experiência fascinante de descoberta e superação. É um momento em que nos descobrimos em um novo papel – o de autora. Aprendemos com nossas próprias palavras: ao escrever, produzimos novos sabores. Os dedos no teclado são criativos: é o momento em que os deslocamentos causados pela leitura das autoras fortes provocam a escritura. E veja quem é você agora: uma aprendiz de autora, iniciando a carreira acadêmica. Assuma esse momento de sua trajetória como de experimentação, por isso não suspire pela sombra das autoras fortes que admira. Relaxe seus dedos, respeite o grilo do tremor e siga em frente. Mas, antes, leia muito e intensamente. Experimente os deslocamentos, não se refugie nas certezas.

Não esqueça que só a leitora criativa é capaz de escrever com tremor nos dedos.

Nenhuma autora, nem mesmo as mais experientes, finaliza um texto e o envia para publicação. Não se conhece o sabor do pão com ele ainda no forno. É preciso deixá-lo esfriar para provar a primeira fatia. Da mesma maneira, as autoras testam o sentido dos argumentos, a clareza do texto ou a força da criação com sua comunidade de leitoras. Não pense que essa seja uma comunidade iniciática e secreta da qual somente as autoras fortes participam. É algo bem mais prosaico. Você certamente tem um grupo de colegas de curso em quem confia e que, como você, experimentam a angústia de se descobrir como autoras. Forme um grupo de leitoras com elas. Nós duas teremos um cronograma de etapas e revisões que cumprirei para cada momento de sua escrita. Mas não confie só em mim, tenha outros filtros antes e depois de minha leitura. O mais importante é ter esses filtros antes da minha leitura. Seu texto chegará mais denso para minha apreciação. É como se a primeira prova do pão avaliasse se o fermento funcionou ou não. O pão pode ser refeito ou retornar ao forno antes mesmo que eu o prove. Eu chamo esses movimentos de leitura e revisão de *rodadas de leitura*.

Há quem descreva as rodadas de leitura como experiências angustiantes. Eu tento entender essa reação. Por um lado, são exercícios de superação e aprendizagem. Há algo a ser alcançado, mas ainda não se sabe bem o que é, nem como atingi-lo. É natural que isso provoque ansiedade, assim como deve acontecer em provas de competição nos esportes. Tente imaginar os sentimentos de uma nadadora cujos anos de treinos são medidos pelos segundos finais da competição. A diferença para a atleta é que, neste momento de sua vida acadêmica, você não

tem competidoras – você se basta, não há ninguém ao seu lado mais veloz ou na sombra de sua chegada. O ritmo é dado por você mesma. Nossos limites são o calendário acadêmico, o qual você conhece antecipadamente e cujo ritmo diário foi estabelecido por você. Mas acredito que haja um outro lado desse relato de angústia. Somos mal treinadas para a crítica. O sucesso é medido pela ausência de correções ou comentários. Esperamos aplausos, mesmo em uma fase ainda muito inicial da descoberta, em que, como autoras, somos mais leitoras burocratas que criativas.

Veja como isso é falso e, se me permite a franqueza, um pouco tolo: quanto mais críticas e correções você receber nas rodadas de leitura, seja de mim ou de sua comunidade de leitoras, melhor. Seu texto sairá mais seguro e pronto para novas leitoras. Se sua angústia tiver origem nessa dificuldade de receber críticas, prepare-se: é o que mais ouvirá de mim. E, mesmo que não goste da ideia, você está sob avaliação. Ao final desses dois semestres, você e eu seremos avaliadas por uma banca externa que dará o veredicto sobre o seu texto. A banca é independente e nós não temos como influenciá-la. Certamente convidaremos leitoras sensíveis ao seu tema e, não suspire, algumas delas talvez conheçam o tema ainda mais do que nós, o que será fascinante. É um privilégio ter leitoras preparadas e capacitadas se debruçando sobre nossos textos recém-saídos do forno da criação. Elas farão leituras originais e provocativas de seu texto, mas não há garantias sobre qual será o veredicto sobre o sabor.

Plágio

Tenha pânico do plágio. Leve-o a sério como uma ameaça irrefletida. E, quanto mais jovem na vida acadêmica, maiores os riscos do plágio inadvertido.

O que é o plágio? Uma cópia ou um pastiche do texto de autoras que admiramos. A cópia literal é resultado de um procedimento simples no teclado: recortar e colar. Uma máquina é capaz de perseguir esse tipo de plágio preguiçoso. O pastiche é uma reconstrução vulgar do texto original em simulacros que só enganam a máquina. Para entender o pastiche no texto, minha recomendação é que o visualize na arte. Interrompa a leitura desta carta e busque duas obras na internet: a *Monalisa* de Leonardo da Vinci e a *Monalisa* de Jean-Michel Basquiat. A segunda é um pastiche da primeira. Diferente da arte, o pastiche na escrita científica é uma fraude acadêmica.³⁴ Sua primeira leitura depois desta carta será um texto que escrevi com Ana Terra Mejia Munhoz sobre plágio, no qual propusemos o conceito de plágio-pastiche para diferenciá-lo do plágio-cópia.³⁵ Leia-o antes de nosso primeiro encontro. Estude o texto, conversaremos juntas sobre ele. Quero conhecer suas dúvidas sobre a escrita e a ética na comunicação científica.

Você jamais copiará a criação intelectual de outra autora – essa é uma regra inviolável entre nós. Em nenhum momento irei perseguir suas palavras, sempre as assumirei como suas. Mas incorpore a delícia da criação – não se afugente com a sabedoria de quem veio antes de você. Minha experiência como orientadora me mostrou que as jovens pesquisadoras não plagam por desonestidade, mas por inocência, descuido ou pressa. Evite qualquer uma dessas motivações não intencionais do plágio. A cópia não autorizada será sempre descoberta, se não hoje, no futuro; se não por uma boa leitora, por uma máquina de caça-plágios. Se não for descoberta, é porque seu texto

³⁴ O pastiche na literatura pode ser uma forma original de paródia.

³⁵ Diniz, Debora; Munhoz, Ana Terra Mejia. Cópia e pastiche: plágio na comunicação científica. *Argumentum*, ano 3, n. 3, v. 1, p. 11-28, jan./jun. 2011. O artigo está disponível em formato eletrônico no endereço: <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/1430>.

nunca passou pelas mãos de boas leitoras. Bastam poucas boas leitoras para o plágio ser descoberto. Eu sou uma boa leitora, e sua banca será composta de boas leitoras. Busque a história do ex-ministro alemão que perdeu o cargo porque foi descoberto plágio em sua tese de doutorado.³⁶ Além da vergonha, ele foi destituído do cargo de ministro de Estado. Há dezenas de histórias trágicas como essas. Lembre-se de que sua monografia talvez seja o seu primeiro produto intelectual público. Não importa seu futuro profissional, o que você fizer agora será sempre parte de sua trajetória. Orgulhe-se dessa sua primeira criação.

Quando me formei em ciências sociais, na Universidade de Brasília, escolhi como tema de pesquisa a migração japonesa para o Distrito Federal. Eu era fascinada pela cultura japonesa, até acho que estudava a língua japonesa mais do que a antropologia, e meu sonho era vagar pelo Japão e ler mangás da *Sazae-san* no original. Escrevi uma monografia sobre os migrantes de colônias agrícolas do Distrito Federal, o que me rendeu a primeira publicação em periódico científico, um ano depois da defesa. Grande parte dos migrantes que conheci já morreram, eram já idosos na época da pesquisa de campo. Hoje, leio o artigo e sei que é um texto de uma pesquisadora iniciante, mas me orgulho dele – fiz uma pesquisa séria, ouvi histórias, aprendi com os trabalhadores rurais, escrevi um texto original. Ele é parte de minha história. Faz mais de vinte anos que o escrevi.

Mas eu poderia ter errado. A angústia ou a inocência poderiam ter me feito plagiar alguém. Eu poderia não ter dado atenção ao meu grilo do tremor, talvez por nunca

³⁶ Universidade cassa título de doutor de ministro alemão por plágio. *Folha de S. Paulo*, 24 fev. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/dw/880360-universidade-cassa-titulo-de-doutor-de-ministro-alemao-por-plagio.shtml>>. Acesso em: 4 jul. 2011.

ter sido apresentada a ele. E o que eu faria agora? Um pedido de desculpas sobre algo que escrevi ao final de minha graduação? Será que a comunidade científica aceitaria a justificativa de que eu era uma jovem pesquisadora aos vinte anos? Minha hipótese é que não. Eu sofreria as sanções reservadas a alguém que plagia. Elas são terríveis e implacáveis, e em geral resultam no ostracismo e na apartação da vida acadêmica. Não importa se por um erro de hoje ou do passado, ao plagiar, viola-se um interdito. A comunidade científica perderá a confiança na sua voz de autora. Por isso, não erre nem se arrisque. Vá até onde conseguir com seus próprios passos, explore os seus limites e desejos, mas não corra riscos imprudentes. E não confie em sua memória: sempre cheque suas citações e paráfrases.

Há um recurso de citação que tanto denuncia as leitoras fracas quanto acende o meu sinal para o plágio: o *apud*.³⁷ Formalmente, o *apud* é um registro em latim que significa “citado por”, ou, em termos informais, “eu não li o que cito, mas cito mesmo assim”. Há quem o descreva como “citação indireta”. O *apud* é um resquício de um tempo da comunicação científica em que o acesso às fontes não era tão amplo quanto hoje: as bibliotecas não eram informatizadas e os livros em outro idioma eram raros entre nós. O *apud* permitia que uma escritora alcançasse obras que não tinha como ler, mas, como desejava ser honesta em suas fontes, registrava quem a havia conduzido aos novos territórios textuais. De um sinal de honestidade e transparência do passado, o *apud* hoje deve ser para você um ícone da preguiça intelectual. Por isso, de uma maneira bem mais informal, descrevo-o como o acrônimo de “a preguiça, uma desgraça: *a-p-u-d*”. Não esqueça: trate

³⁷ O *apud* é também um sinal de fraqueza ou indolência (Diniz, Debora; Munhoz, Ana Terra Mejia. Cópia e pastiche: plágio na comunicação científica. *Argumentum*, ano 3, n. 3, v. 1, p. 11-28, jan./jun. 2011).

o *apud* como um interdito. Se eu localizar algum em seu texto, terá uma orientadora em sofrimento.

A verdade é que, por razões muito diversas, o medo do plágio vem crescendo, o que aumenta a vigilância às origens do texto.³⁸ E isso não apenas entre as escritoras acadêmicas. Há dois campos onde a noção de plágio se confundia com a de apropriação criativa: a culinária e a literatura ficcional. Recentemente, uma cozinheira portuguesa foi processada por ter publicado em seu blog receitas propostas por outras cozinheiras. Em sua defesa, a cozinheira acusada de plágio tentou dizer que fez acréscimos mínimos às receitas originais, o que resultaria em novos sabores nos pratos.³⁹ A justificativa não convenceu, e a cozinheira portuguesa foi demitida. Já na literatura, em particular nas narrativas históricas em que as escritoras se baseiam em pesquisas para corretamente localizar suas personagens, vestuários ou linguagens, as acusações de plágio passaram a tumultuar o mercado editorial protegido por direitos autorais e propriedades intelectuais. Um bom sinal de mudança de mentalidades é a mais recente obra de Philip Roth, *Nêmesis*.⁴⁰ A página de abertura do romance é um registro das fontes utilizadas para os eventos históricos narrados, cujo plano de fundo foi uma epidemia de pólio nos anos 1940 nos Estados Unidos.

³⁸ Na busca pelas fontes de inspiração das autoras é que algumas vezes se esbarra nos plágios ou simplesmente se traçam as genealogias criativas. O conto “Funes, o memorioso” narra a saga de um personagem cuja memória não tinha limites. Há uma especulação entre os especialistas em Jorge Luis Borges se Funes não teria sido um paciente descrito pelo neurologista russo Alexander Luria, na obra *The mind of the mnemonist*.

³⁹ Anne Fadiman ironiza a pitada de orégano na pizza como sendo um ato de criação só nos livros de receita (Fadiman, Anne. Nada de novo sob o sol. In: _____. *Ex-Libris*: confissões de uma leitora comum. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 107-114).

⁴⁰ Roth, Philip. *Nêmesis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

O plágio será uma infração ética sua. Eu não serei corresponsável por ela, tampouco terei como protegê-la das implicações, do estigma ou do ostracismo. Se o plágio for descoberto pela banca de julgamento da monografia de graduação, você será reprovada. Há quem sustente que o plágio é uma violação que justificaria até mesmo a expulsão da aluna da universidade.⁴¹ Acredito que, depois de ler esta carta, você estará muito mais atenta ao risco do plágio inadvertido e, portanto, mais preparada para evitá-lo. Por isso, entenda minha honestidade como uma súplica para que afugente a cópia fraudulenta de seu texto. Se for identificado plágio em seu texto, eu a deixarei sozinha. Meu sentimento por você será um misto de compaixão e reprovação, mas não me sentirei corresponsável. Não me peça socorro, pois eu não estarei ao seu lado. Sua primeira peça de criação não será exibida publicamente e você terá vergonha de tê-la produzido.

Escrita acadêmica

A escrita acadêmica tem suas regras – algumas estéticas, outras de conduta. Assim como na costura ou na cozinha, nem todas as texturas ou ingredientes combinam entre si. Há sempre espaço para a criação, mas ele depende do reconhecimento inicial das regras básicas de corte de um tecido ou da química culinária. O interdito do plágio é uma regra ética de conduta. Já falamos dele e você ainda me ouvirá muito sobre esse tema. A clareza da escrita é daquelas normas na fronteira da estética e da moral acadêmica. Para entender o que digo, primeiro me responda: por que você escreve?

⁴¹ Sugiro que você leia o regimento geral de sua universidade no capítulo sobre expulsão e outras penas. O tema do plágio está previsto em alguns desses documentos.

Se a resposta for “para me formar, pois a monografia de graduação é uma exigência formal do curso”, dou um conselho: jamais permita que eu conheça essa sua resposta e pense seriamente em mudar de orientadora, pois, se eu perceber que essa é sua motivação, terá uma orientadora em sofrimento. Aproveite o período de matrícula e troque de orientadora. Mas me mantenha na inocência de suas razões. Seja generosa comigo e alegue que deseja pesquisar outro tema, um bem distante de minha área de pesquisa. Ficarei honestamente convencida de suas razões e juntas falaremos com a coordenadora de graduação.

Eu não espero beleza de seu texto, mas precisão argumentativa. E não é porque eu duvide de sua voz de autora. A estética facilita a comunicação, as leitoras gostam de reconhecer o estilo das autoras fortes, mas, diferente da poesia, podemos ser autoras ordinárias e, ainda assim, sérias pesquisadoras. Não sou ousada como Rainer Maria Rilke, que, em cartas a um jovem poeta que o consultava sobre a qualidade de seus escritos, sentenciou: “Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido de escrever”.⁴² Há muitas outras coisas que me matariam antes de ser proibida de escrever. Ser proibida de ler, talvez. Tenho livros ao redor da cama, na mala do avião, para a fila de espera da dentista ou na bolsa de passeio dos cachorros. E, sem que eu abale sua admiração e respeito por mim, na minha lista de prioridades vitais, talvez vaguear seja mais importante que escrever. Mas, mesmo não sendo a principal razão de minha existência, escrever é uma potência criativa em mim.

⁴² Rilke, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 25.

A verdade é que, sem as raízes de Rilke, eu também acredito que a motivação para a escrita é de uma ordem existencial. Ela é íntima e política. Escrevemos para existir em nossas ideias, para habitá-las, para possuí-las e, com isso, provocar nossas leitoras que não suportam conhecê-las. Sem a escrita, as ideias são como o ar que respiramos, se me permite uma alegoria bem coloquial – todas se apropriam dele, mas não pensamos de onde ele vem, tampouco lembramos que precisamos dele para existir. Eu quero conhecer a autoria das ideias que leio, eu quero produzir novas ideias. Não é à toa que Friedrich Nietzsche dizia que, “de tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue”.⁴³ Não entenda sangue como um pedido de martírio físico para a escrita, mas de desnudamento pela escritura. Por isso, *escrever é arriscar-se*. É expor-se ao debate público, é provocar a ordem estabelecida, mas por meio de um instrumento permanente e poderoso de intervenção – o texto.⁴⁴ Da mesma forma, o texto nos aproxima de pessoas e lugares nunca vistos. Conheci mulheres e homens espetaculares que se aproximaram de mim pelo que escrevi. Saí à procura de muitas autoras pelos textos que li. Fui até elas apenas para demonstrar minha admiração. Hoje somos, além de fraternas colegas, leitoras mútuas.

Mas o texto ganha vida sem nós. É uma criatura paradoxal: sempre será nosso, mas, uma vez criado e publicado, não poderemos mais alterá-lo. Ele é independente, por isso não mais pedirá licença à criadora para se expressar em diferentes tempos e espaços. Ele passa a existir em seus próprios termos e as leitoras passam a ser coautoras na criação. O que isso significa? Que não existe

⁴³ Nietzsche, Friedrich. *Zaratustra, Primeira Parte, Do ler e do escrever*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 66.

⁴⁴ O texto pode ser escrito ou visual. Como documentarista, também reconheço essa potência no filme.

bula de entendimento para o que escrevemos. Nossos textos serão lidos por leitoras reais e aquelas ainda por vir, por quem pensa como nós, por pessoas que estão do outro lado da mesa do debate argumentativo. E serão lidos com muita atenção por aquelas que sequer sentam conosco para o debate político. Por isso, reconheça a potência da escritura acadêmica, mas seja humilde no uso desse poder. Só assuma como seu o que sair de suas entranhas e se expressar por seus dedos, só anuncie o que conseguirá sustentar por toda a eternidade de sua vida. Lembre-se: sua assinatura em um texto é uma inscrição existencial nas palavras.

Não tenha medo da escrita. Explore, descubra seu estilo. Mas seja clara, objetiva, não use jargões, evite ironias, não faça acusações. Seu argumento se sustenta em evidências e não na força dos adjetivos ou das generalizações. Os verbos são seus traidores, pois sempre poderão dizer coisas diferentes de suas intenções. Os adjetivos operam como exigências a quem lê: não é o argumento o que importa, mas sua convicção de que devo acreditar nele. Descubra seus cacoetes, seus vícios, suas repetições. Só se anuncie na conclusão. A conclusão é seu espaço de liberdade e, para algumas autoras, de libertinagem. Não confunda seu texto com um pasquim, tampouco com um blog. É uma peça que busca transformar a realidade, mas se realiza apenas na leitura e se processa na escritura. Nós precisamos de nossas leitoras. E nem tudo precisa ser dito para elas.

O texto em contexto

Não acredite que para iniciar um tema é preciso história – a historiografia é um campo para especialistas, e há métodos para a pesquisa histórica. Uma historiadora busca as fontes originais e compõe um percurso. Não vale só repetir a historiografia de outras autoras. E menos

ainda sair das cavernas para a Idade Média e, em um salto, para o amanhã. Só faça percursos históricos se eles forem necessários para compreender algum conceito, e o mais importante: ele deve ser circunscrito a uma questão e baseado em diferentes fontes autorais. Mas ele deve ser feito por você. A história de um evento não é uma narrativa neutra – importa saber a história da violência contra a mulher no Brasil, mas igualmente importante é saber quem escreveu essa história, que tipos de evidências usou, e quais ignorou. Por isso, não confunda as seções Introdução ou Revisão da Literatura de sua monografia com historiografia de segunda mão, sem autoras e fontes. A história não se resume ao senso comum de um campo de pesquisa.

Menos ainda se confunda com uma etimologista de seus conceitos. A etimologia é outro ramo importante do conhecimento que nossas colegas linguistas ou filósofas se desdobram em explorar com competência. Não vale citar dicionários de referência, não vale dizer que a palavra “ética” vem do latim, do grego ou de outra língua das origens. Nunca se esqueça: não se cita dicionário. Percorrer a etimologia das palavras não nos dá autoridade para compreender as redes de poder e saber que nossos temas provocam na atualidade. Loucura não foi a mesma coisa nos últimos trezentos anos da história – Michel Foucault nos mostrou como é recente a significação desse termo como doença mental.⁴⁵ Falar de loucura na Grécia Antiga é falsamente pressupor uma longa permanência na história: o que antes era loucura não é a mesma coisa que hoje a psiquiatria classifica como doença mental. Sempre que pensar em método, seja relativista com as culturas e as sociedades, mas também com a história.

⁴⁵ Foucault, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Sua unidade de texto é o parágrafo. Roland Barthes dizia que era a frase, mas serei mais generosa com nossa escritura. Faça uma nova pausa na leitura desta carta. Busque um texto de dez páginas que você tenha escrito durante a graduação. Analise seu fôlego. Como? Veja de quantas linhas precisa para escrever uma unidade de pensamento, isto é, um parágrafo. Veja com quantos pontos, vírgulas, pontos e vírgulas, travessões você pausa seus argumentos para que as leitoras possam respirar. Se não houver ritmo, permita-se um reparo textual. Você deve buscar um ritmo, que deve ser estável e permanente: não há parágrafos de dez linhas e outros de duas linhas. Percorra esta carta e descobrirá que eu tenho um fôlego ritmado na escritura. Preciso entre nove e dezesseis linhas para cada respiração de ideias.⁴⁶ Esse ritmo não veio como um dom, foi treinado, domesticado e sempre controlado pelas sucessivas revisões. Há algo de estético na impressão do texto nessa harmonia.

Alguns manuais sugerem que o parágrafo na língua portuguesa se alonga entre seis e quinze linhas. Não sei de onde tiraram essas regras, mas o importante é que ela faz sentido. Dê uma passeada nos textos nos quais admira os estilos narrativos. Aprecie o fôlego de suas autoras fortes. Devagar, tente desenvolver seu estilo entre esses limites. Você não é José Saramago, cujo diálogo entre deus, Jesus e o diabo em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* tomou quase trinta páginas do livro sem pausas longas.⁴⁷ Saramago subverteu os parágrafos, reinventou a estética textual e ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Não se imagine tampouco como a corporificação ocidental de Matsuo Bashō, cujas três linhas do haikai metaforizam a cultura

⁴⁶ Esse ritmo se expressa em uma folha A4 na tela do computador. A depender das dimensões de um livro, ele pode variar.

⁴⁷ Saramago, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

japonesa e encantam quem o lê quatrocentos anos depois (O velho tanque – Uma rã salta. Barulho de água).⁴⁸ Entre Saramago e Bashō é que nós estaremos.

Não entendeu o haikai? Eu também demorei muito tempo para senti-lo. Mais tempo ainda para estudar a cultura japonesa e o período Edo para identificar os sentidos ocultos do poema. A poesia pode ser metafórica, mas o texto acadêmico que você escreverá deve ser cauteloso quanto à metáfora. Ao menos nesse momento de sua escritura. Sei que é um pedido estranho, pois lhe retiro uma potência narrativa. Entenda como uma moratória, por isso não me conteste com as metáforas de Judith Butler sobre “performance de gênero” para demonstrar o quanto a metáfora e a alegoria estão na ordem da escritura acadêmica feminista. E mais ainda o quanto eu gosto delas e as incorporo em meu texto. Não vale me usar como contraprova de mim mesma. Essas são metáforas conceituais. Eu peço que você evite as metáforas pela insuficiência do argumento. E mais: eu imploro que esqueça os adjetivos e os advérbios totalizantes, tais como “sempre”, “nunca”, “todos” e “ninguém”.

Sempre evite a história de longa permanência. Nunca cite dicionários ou use metáforas. Todos os parágrafos devem ter ritmo. Ninguém deve escrever parágrafos de duas linhas.

Mas há outra regra – uma provocação feminista na escritura acadêmica que se crê neutra. Eu gosto que me reconheçam como uma autora. O que escrevo sobre mulheres se mistura à minha existência feminina. Muitos de meus temas não fazem parte de minha intimidade, mas são explorados a partir de minha vivência como mulher em convívio com outras mulheres. Eu quero conhecer as

⁴⁸ Bashō, Matsuo. *Trilha estreita ao confim*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

ideias de outras autoras e autores quando estudo questões de gênero. Importa saber se são mulheres ou homens que respondem pelos textos que admiro ou dos quais me distancio. Por isso, ao citar pela primeira vez uma fonte em meu texto, referencio-a pelo nome e sobrenome. Volte uns parágrafos e se dará conta de que fiz isso até aqui. O principal sistema de normalização bibliográfica utilizado pela comunicação científica em humanidades no Brasil, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), não reconhece a regra de transparência de gênero, mas essa é uma violação compartilhada e aceita por autoras feministas. Alguns de seus leitores não feministas a considerarão um excesso, mas se justifique dizendo que essa provocação não compromete a neutralidade da ciência. Os meus leitores sabem que sou uma feminista antes mesmo de me ler. Eles também sabem que neutralidade foi a mentira mais bem contada na ciência para nos dar poder de voz como cientistas diante dos não cientistas.

Você deve estar inquieta, sentindo-se talvez limitada com tantas regras e prescrições. Dê uma volta. Teste a pausa do cronômetro que já é seu companheiro de leitura. Releia o que escrevi até agora. Entenda esse amontoado de palavras como a abertura de uma caixa que antes era secreta. Agora você conhece cada uma das regras. Juntas, inventaremos outras. Esse é o melhor caminho para violar as prescrições, afugentar os tabus, descobrir-se como autora antes mesmo que suas leitoras o façam. Somente nesse momento de pleno domínio das regras do jogo é que você estará preparada para violá-las e descobrir-se como uma criadora. Se não acredita nesse método de conhecer para subverter, olhe as primeiras obras de Salvador Dalí. Eram uma repetição elegante da pintura acadêmica. O surrealista de *Persistência da memória* explode como um estilo após essa fase inicial. Algumas artistas sofrem com esse período

inicial de submissão às regras, como foi o caso de Yayoi Kusama, artista japonesa contemporânea que descreve seus anos iniciais de aprendizagem da arte tradicional de pintura (*nihonga*) como limitantes para sua pulsão criativa. A verdade é que a arte se move por percursos mais livres e singulares que a pesquisa acadêmica, onde o aprendizado inicial é fundamental para a subversão no futuro.

Elementos pré e pós-textuais

Pode parecer excesso de zelo mencionar os elementos pré e pós-textuais de sua monografia de graduação nesta carta. Os elementos pré-textuais são aquelas seções que compõem sua monografia como uma moldura da comunicação científica: a capa, o sumário, os agradecimentos, a lista de tabelas ou a epígrafe. Os elementos pós-textuais são as referências, os índices, os glossários ou os anexos. Queria me dedicar a uma das seções pré-textuais mais curiosas da comunicação científica – a de agradecimentos.⁴⁹ Ela pode estar presente em sua monografia, mas não faz parte de seu projeto. Nos agradecimentos, as pessoas que colaboraram com alguma atividade da pesquisa são mencionadas. Quem são elas? Uma delas sou eu. Há algo de egoico em lhe escrever sobre essa regra não dita nos manuais de redação acadêmica, mas estamos abrindo a caixa de segredos. Além de mim, podem estar mencionadas a bibliotecária que levantou as fontes, as colegas das rodadas de leitura, outras colegas de pesquisa, ex-professoras, etc. Ou seja, pessoas concretas que efetivamente cooperaram para o sucesso de seu texto.

⁴⁹ Segundo a norma técnica ABNT NBR 14724, “texto em que o autor faz agradecimentos dirigidos àqueles que contribuíram de maneira relevante à elaboração do trabalho” (ABNT. *Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2011. p. 1).

Eu disse que a seção de agradecimentos era uma peça curiosa da comunicação científica. Em geral, eu me divirto lendo-a. Ela é repleta de excessos, de equívocos de intimidade, de um desnudamento da privacidade para a eternidade. As jovens autoras acreditam ser essa seção um espaço livre para o registro dos afetos, das filiações religiosas, ou mesmo para a disputa amorosa. Não faça isso. Se quer agradecer à sua mãe pelo amor, faça uma dedicatória manuscrita a ela. Se quer se lembrar de seu cachorrinho, carimbe as patinhas dele no texto finalizado. A seção de agradecimentos é parte argumentativa de seu texto, não é um espaço em que se suspendem as regras formais da comunicação científica. Como qualquer outra parte da monografia, é passível de avaliação, de leitura e de crítica.⁵⁰ Só deve ser mencionada nos agradecimentos quem diretamente contribuiu para o seu texto. Não valem referências místicas sobre a existência ou a sobrevivência humana. Os agradecimentos são um registro secular e acadêmico, cujas destinatárias são pessoas concretas que fazem parte de sua rede de pesquisa. Só agradeça a quem efetivamente colaborou com seu trabalho de pesquisa: essa é uma seção de reconhecimento pela cooperação mútua.

⁵⁰ Na publicação científica em periódicos, a seção de agradecimentos é parte formal do texto, ao ponto de se exigir a comprovação de concordância das pessoas citadas e de ser contada no total de caracteres do artigo.



PÓS A LEITURA

Agora posso lhe dizer com segurança: bem-vinda. Eu serei sua orientadora para a elaboração do projeto e para a escrita da monografia. Esta carta expressa e antecipa meu mais sincero acolhimento às suas ideias e expectativas. Nosso primeiro encontro será em breve. Você me conhece melhor agora, e acalmou seu espírito inquieto que não vê a hora de começar a pesquisar, deslocar-se por autoras e obras, para descobrir-se em seu próprio texto. Considere esta carta como uma proposta de rumo, mas me permita saber o que fez sentido, o que precisa ainda ser dito e foi esquecido. Eu terei prazer em falar das ausências, em afagar os seus suspiros. Esta não é uma carta em que tudo foi dito. Na verdade, é apenas um preâmbulo de um encontro genuíno entre nós duas, cuja motivação será sua criação intelectual. Somente nossas biografias darão o verdadeiro sentido ao encontro que nos espera.

Eu nunca vi cartas com anexos ou apêndices, uma daquelas seções de elementos pós-textuais que já mencionei.⁵¹ Por isso, entenda as páginas que acompanham esta carta como os antigos P.S. (*post scriptum*). Os P.S. estão desaparecendo do texto escrito nos computadores. Eles eram arremates de uma carta escrita à mão. Apareciam quando a memória traía sobre algo fundamental que deveria ter sido escrito ou sobre algo tão fútil que não merecia estar na carta, mas precisava ser registrado nem que fosse como um fechamento. Os P.S. eram os complementos charmosos das cartas de amor entre os apaixonados ou das cartas de saudade de mães para filhos que partiam para a guerra. Nunca vi P.S. em documentos oficiais, relatórios do governo ou comunicados políticos. Também nunca os vi nos manuais de pesquisa. Para mim, os P.S. são um sinal de que a comunicação se deu entre duas pessoas que trocam histórias, saberes ou confidências. E de que sempre há algo ainda por ser dito.

Há dois P.S. nesta carta. O primeiro é o mapa visual de uma de minhas ex-orientandas, que pôs em prática o modelo de John Creswell. O mapa dela pode ser útil para você pensar o seu.⁵² O segundo é um cronograma para a pesquisadora que usa o cronômetro.⁵³ É uma proposta de

⁵¹ Há uma diferença entre anexo e apêndice, segundo a ABNT NBR 14724. O anexo é o “texto ou documento não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração”; e o apêndice é o “texto ou documento elaborado pelo autor, a fim de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho” (ABNT. *Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2011 p. 2). Esta carta tem um anexo e um apêndice, ambos descritos como P.S.

⁵² Agradeço à Patrícia Álvares pela gentileza de cessão do mapa de autoras.

⁵³ O cronograma foi um exercício coletivo de construção entre orientandas que não se conheceram. Era uma herança de meu grupo de pesquisa às jovens pesquisadoras. Muitas delas deram sua contribuição na forma de pequenos arremates ou bordados estéticos. O modelo final recebeu uma contribuição singular de Juliana Paiva, a quem agradeço.

organização do seu tempo, das etapas e dos produtos para o período que viverá. Espero que lhe sejam úteis. Antes dos P.S., há um suspiro final sobre o futuro.

Com meus melhores votos de sucesso e felicidade,

sua orientadora



O FUTURO?

Italo Calvino é um escritor italiano, nascido em Cuba. Seu primeiro livro, intitulado *A trilha dos ninhos de aranha*, foi publicado aos 23 anos. Calvino o define como um romance engajado, um projeto de conto que ganhou fôlego ao ser escrito, inspirado em uma época de intensa participação na resistência política italiana ao final da II Guerra Mundial. Ao prefaciар uma nova edição da obra, vinte anos após a publicação original, sua inquietação se resumia pelo refrão repetido quatro vezes no breve texto: “Este romance é o primeiro que escrevi”. Após descrevê-lo como sua primeira obra, Calvino dividia suas angústias com quem o lia: “Que impressão me causa, retomá-lo agora?”, “que efeito me causa, ao relê-lo hoje?”, “como posso defini-lo, agora, ao reexaminá-lo tantos anos depois”, “o que posso dizer dele, hoje?”.⁵⁴

⁵⁴ Calvino, Italo. Prefácio. In: _____. *A trilha nos ninhos da aranha*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004. p. 5-25.

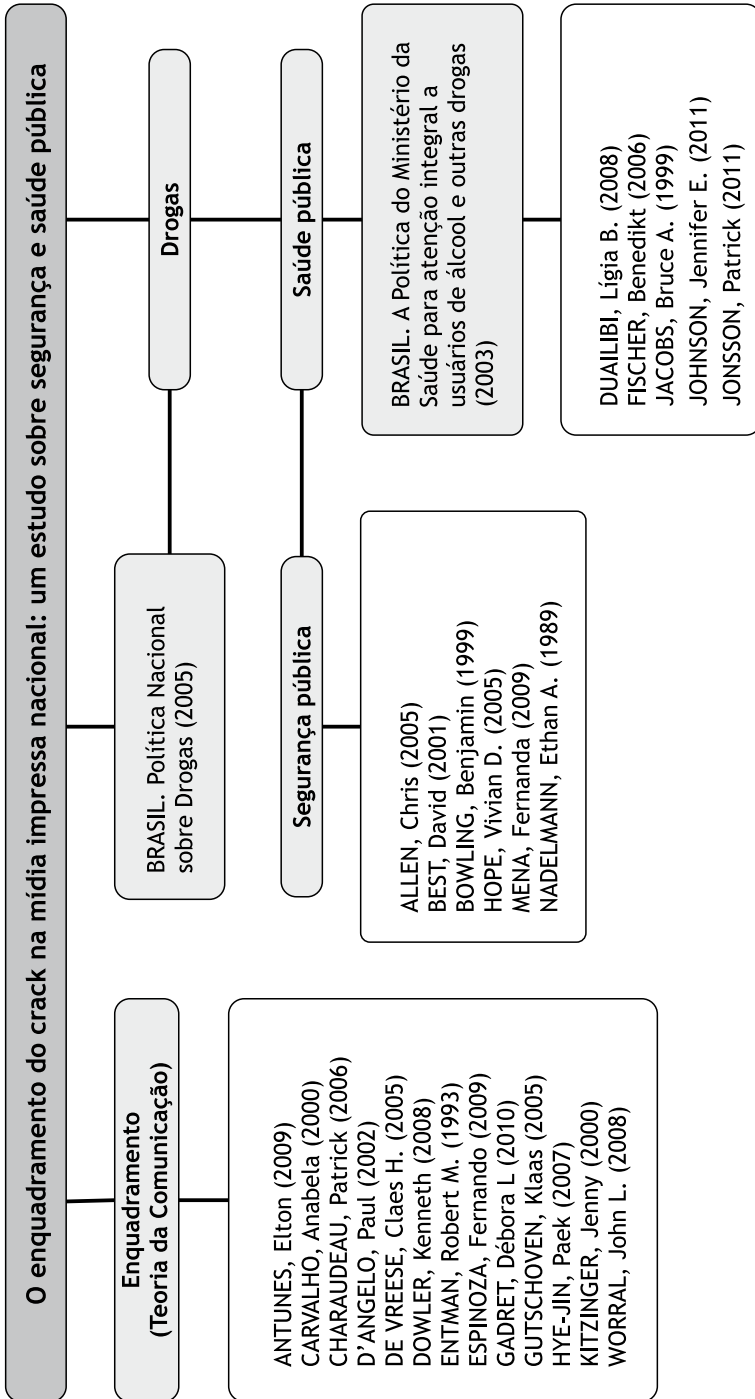
Essas perguntas também serão suas, assim como são minhas sobre os primeiros artigos que escrevi. A conclusão de Calvino é um paradoxo que também será de todas as escritoras: “O primeiro livro, melhor seria nunca tê-lo escrito”. A verdade é que, enquanto o primeiro livro ainda não foi escrito, vivemos à sua espera. Sonhamos com sua perfeição que jamais será alcançada. Talvez você nunca venha a escrever um livro, e sua monografia venha a ser seu início e fim na experiência da escrita. Não importa – assim como Calvino, você viverá a inquietude da primeira obra e, talvez mais tranquila do que ele, não experimentará as perguntas que o perturbaram após ter se tornado um escritor mundialmente conhecido e admirado. A primeira obra é a experiência original de todas as autoras, sejam elas fortes ou não. Algumas se manterão eternamente orgulhosas dessa primeira experiência, outras sentirão, como Calvino, uma pitada de remorso pela ingenuidade e pelo excesso de ativismo político do primeiro romance.

Não pense em seus sentimentos para daqui a vinte anos.⁵⁵ Planeje o que conseguirá executar neste momento com suas próprias palavras, seja responsável pelo que seus dedos conseguirão criar diante da tela à espera dos argumentos. Sua primeira criação a acompanhará por toda a vida, e não apenas por ter sido o marco inicial da sua trajetória como autora. Se você se tornar verdadeiramente uma autora forte, e não apenas uma escritora para conclusão de seu curso de graduação, o seu primeiro texto será lido e nele serão desarquivadas suas inspirações juvenis

⁵⁵ É sempre possível e desejável se redescrever. Susan Sontag escreveu *Sobre a fotografia*, em 1973, onde defendeu uma posição crítica em relação à fotografia como evidência política. Duas décadas depois, publicou um novo livro sobre o mesmo tema. Na nova obra, duvidou de si mesma como autora e de sua tese “conservadora sobre a fotografia”: “Isso é verdade?”, inquietou-se duvidando de seus argumentos de vinte anos antes. “Pensei que era quando escrevi, mas não estou tão segura agora” (Sontag, Susan. *Regarding the pain of others*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002. p. 82).

para a criação acadêmica. Por isso, não tema o futuro, mas lembre-se sempre de que ele existe como uma projeção desse instante inicial da escritura acadêmica.

MAPA DE LITERATURA



CRONOGRAMA

1º SEMESTRE

ELABORAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Sumário de Projeto de Pesquisa

1. Introdução e revisão da literatura
2. Objetivo geral, objetivos específicos, hipótese ou perguntas de pesquisa
3. Metodologia, unidade de análise, sujeitos, técnicas de pesquisa e análise dos dados
4. Cuidados éticos e revisão ética em pesquisa
5. Cronograma, orçamento, referências bibliográficas e anexos

Mês 1	Semana 1	Semana 2
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ambientação 2. Levantamento da bibliografia básica para elaboração de monografia (manuais de metodologia) 3. Leitura da <i>Carta de uma orientadora - o primeiro projeto de pesquisa</i> <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pesquisa sobre temas de interesse 2. Escolha do tema de pesquisa 3. Leitura da produção da orientadora sobre o tema 4. Primeiro encontro com a orientadora <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
	Semana 3	Semana 4
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração e entrega do cronograma para o semestre 2. Organização do tempo (planejamento semanal de estudo): leitura, organização da bibliografia e pesquisa bibliográfica 3. Levantamento bibliográfico em bases nacionais <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	<ol style="list-style-type: none"> 1. Levantamento bibliográfico em bases nacionais 2. Organização do levantamento bibliográfico em base de bibliografia 3. Revisão do tempo de estudo 4. Listagem das leituras em andamento <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
Produtos do mês		
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração do cronograma semestral 2. Elaboração do tema da pesquisa 3. Levantamento de 15 fontes úteis relacionadas à pesquisa 4. Levantamento de 3 fontes úteis relacionadas à elaboração da monografia 5. Organização do levantamento bibliográfico em base de bibliografia <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	

Semana 1	Semana 2
<ol style="list-style-type: none"> 1. Levantamento de palavras-chave da área de pesquisa 2. Levantamento de fontes - observação dos títulos funcionais e objetivos gerais e específicos 3. Leitura dos manuais de metodologia sobre títulos funcionais, objetivos gerais e específicos e palavras-chave <p> <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ </p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração de título, palavras-chave, objetivo geral e objetivos específicos - apresentação para a orientadora 2. Levantamento bibliográfico em bases nacionais 3. Organização do levantamento bibliográfico 4. Leituras das referências recuperadas (listar as leituras) <p> <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ </p>
Semana 3	Semana 4
<ol style="list-style-type: none"> 1. Levantamento bibliográfico na Biblioteca Nacional de Livros 2. Levantamento bibliográfico de literatura alternativa no currículo Lattes de autoras-chave 3. Levantamento bibliográfico de teses e dissertações dos dois últimos anos 4. Organização do levantamento bibliográfico <p> <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ </p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Revisão do título, das palavras-chave, do objetivo geral e dos objetivos específicos 2. Referência cruzada das fontes 3. Leitura sobre métodos e técnicas de pesquisa 4. Leitura e seleção das fontes recuperadas (listar as leituras) <p> <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ </p>
Produtos do mês	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Título, palavras-chave, objetivo geral e objetivos específicos 2. Levantamento de fontes: 50 fontes úteis para a pesquisa 3. Lista de prioridades para leitura e estudo 4. Leitura de 10% das referências recuperadas 5. Avaliação do ritmo de leitura e do tempo dedicado ao projeto de pesquisa <p> <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ </p>	

Mês 3	Semana 1	Semana 2
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura dos manuais de metodologia - partes sobre justificativa, métodos, técnicas, instrumentos e cuidados éticos 2. Atualização da pesquisa bibliográfica 3. Leitura e estudo das demais fontes recuperadas <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	<ol style="list-style-type: none"> 1. Delineamento da metodologia (cinco páginas) 2. Delineamento da justificativa e dos cuidados éticos (cinco páginas) <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
	Semana 3	Semana 4
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura e estudo das fontes recuperadas 2. Atualização da pesquisa bibliográfica 3. Revisão do delineamento da metodologia 4. Revisão do delineamento da justificativa e dos cuidados éticos 5. Elaboração do instrumento de pesquisa <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fechamento da metodologia, da justificativa e dos cuidados éticos 2. Fechamento do instrumento de pesquisa 3. Delineamento da introdução <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
Produtos do mês		
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração da metodologia, da justificativa e dos cuidados éticos do projeto 2. Elaboração do instrumental de pesquisa 3. Leitura de 25% das referências recuperadas 4. Avaliação do ritmo de leitura e do tempo dedicado ao projeto de pesquisa <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	

Semana 1	Semana 2
<ol style="list-style-type: none"> 1. Solicitação das autorizações institucionais para realização da pesquisa 2. Fechamento da introdução do projeto 3. Construção do mapa de autoras <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ _____	<ol style="list-style-type: none"> 1. Construção do mapa de autoras 2. Primeira versão do projeto de pesquisa 3. Leitura e estudo das fontes recuperadas <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ _____
Semana 3	Semana 4
<ol style="list-style-type: none"> 1. Revisão e normatização do projeto de pesquisa 2. Atualização e revisão do mapa de autoras 3. Coleta das autorizações institucionais para realização da pesquisa <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ _____	<ol style="list-style-type: none"> 1. Revisão final do projeto 2. Submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa 3. Leitura e estudo das fontes recuperadas <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____ _____
Produtos do mês	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Projeto de pesquisa concluído e entregue 2. Submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa 3. Mapa de autoras elaborado e revisado 4. Leitura de 40% das referências recuperadas <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	

Mês 5	Semana 1	Semana 2
	<div>1. Leitura e estudo das fontes recuperadas</div> <div>2. Atualização da pesquisa bibliográfica</div>	<div>1. Leitura e estudo das fontes recuperadas</div> <div>2. Atualização da pesquisa bibliográfica</div>
	<div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</div> <div><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</div>	<div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</div> <div><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</div>
	Semana 3	Semana 4
	<div>1. Leitura e estudo das fontes recuperadas</div> <div>2. Atualização da pesquisa bibliográfica</div> <div>3. Revisão do projeto de acordo com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa</div>	<div>1. Leitura e estudo das fontes recuperadas</div> <div>2. Atualização da pesquisa bibliográfica</div> <div>3. Nova submissão do projeto revisado de acordo com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa</div>
	<div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</div> <div><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</div>	<div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</div> <div><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</div>
	Produtos do mês	
	<div>1. Projeto de pesquisa revisado de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa e ressubmissão</div> <div>2. Leitura de 75% das referências recuperadas</div>	
	<div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</div> <div><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</div>	

2º SEMESTRE

ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA

Sumário de Monografia de Graduação

- Elementos pré-textuais: capa, agradecimentos, dedicatória, sumário
- Resumo/abstract, palavras-chave/key-words
- Introdução
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Conclusão
- Elementos pós-textuais: anexos, índices, referências bibliográficas

Dica: Recuperar as regras de monografia de graduação determinadas pelo curso e as regras de normalização bibliográfica da monografia.

Mês 1	Semana 1	Semana 2
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura e estudo das fontes recuperadas 2. Atualização da pesquisa bibliográfica 3. Fichamentos das leituras 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa 2. Contato com a instituição e os sujeitos da pesquisa 3. Leitura e estudo das fontes recuperadas 4. Fichamentos das leituras
	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
	Semana 3	Semana 4
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Início do trabalho de campo 2. Leitura e estudo das fontes recuperadas 3. Fichamentos das leituras 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura e estudo das fontes recuperadas 2. Atualização da pesquisa bibliográfica 3. Fichamentos das leituras 4. Trabalho de campo
	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
	Produtos do mês	
	<ol style="list-style-type: none"> 1. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa 2. Início do trabalho de campo – ao menos 25% 3. Fichamento de 25% das fontes úteis para a pesquisa 	
	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	

Semana 1	Semana 2
1. Fichamentos das leituras 2. Trabalho de campo <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	1. Fichamentos das leituras 2. Trabalho de campo <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
Semana 3	Semana 4
1. Fichamentos das leituras 2. Trabalho de campo <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____	1. Fichamentos das leituras 2. Trabalho de campo 3. Marcação da banca de defesa <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____
Produtos do mês	
1. Trabalho de campo concluído 2. Fichamento de 100% das fontes úteis para a pesquisa 3. Marcação da banca de defesa <input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	

Mês 3	<div>Semana 1</div> <div>1. Sistematização e análise dos dados coletados 2. Redação dos capítulos 1 e 2</div> <div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____</div>	<div>Semana 2</div> <div>1. Sistematização e análise dos dados coletados 2. Redação dos capítulos 1 e 2</div> <div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____</div>
	<div>Semana 3</div> <div>1. Redação do capítulo 3 2. Análise dos dados</div> <div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____</div>	<div>Semana 4</div> <div>1. Revisão dos capítulos 1, 2 e 3 2. Análise dos dados</div> <div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____ _____</div>
	<div>Produtos do mês</div> <div>1. Capítulos 1, 2 e 3 escritos e revisados 2. Dados analisados</div> <div><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</div>	

Semana 1	Semana 2
<p>1. Redação da introdução, do resumo e das considerações finais</p> <p><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</p>	<p>1. Redação da introdução, do resumo e das considerações finais</p> <p><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</p>
Semana 3	Semana 4
<p>1. Elaboração da versão da monografia completa</p> <p>2. Envio da monografia para a orientadora</p> <p><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</p>	<p>1. Revisão da monografia</p> <p>2. Envio da monografia para a banca</p> <p><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</p>
Produtos do mês	
<p>1. Monografia concluída e entregue para banca e orientadora</p> <p><input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____</p>	

Mês 5	Semana 1	Semana 2
	1. Elaboração dos slides para a defesa da monografia	1. Defesa da monografia
	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____
	Semana 3	Semana 4
	1. Revisão da monografia com os comentários da banca 2. Envio para impressão	1. Conclusão dos trâmites para a obtenção do título
<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____	
Produtos do mês		
1. Monografia defendida e entregue ao departamento com revisões da banca		
<input type="checkbox"/> Concluído. Itens: _____ <input type="checkbox"/> Não concluído. Por quê? _____		



SOBRE A AUTORA

Debora Diniz é uma híbrida acadêmica. Descobriu-se antropóloga, mas dirige documentários e vagueia com o marido e os cães na praia. É autora de livros e artigos sobre temas diversos, mas motivados pela mesma inquietação – os direitos humanos. Ensina metodologia, documentário, feminismo, bioética e direitos humanos na Universidade de Brasília. Já foi pesquisadora visitante no Canadá, nos Estados Unidos, no Japão e no Reino Unido. Adora orientar e está sempre às voltas com novas pesquisadoras para descobrir o que ainda desconhece. Desde que se transformou em professora-orientadora, já acompanhou o trabalho acadêmico de quase 100 pesquisadoras. Recebeu 81 prêmios por pesquisas, livros e filmes (<http://lattes.cnpq.br/3865117791041119>).



Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero

Caixa Postal 8011 – CEP 70.673-970 – Brasília-DF

Fone/Fax: 55 (61) 3343.1731

letraslivres@anis.org.br

www.anis.org.br